DIREITO POR LINHAS TORTAS ★ FRANÇA JÚNIOR

FRANÇA JUNIOR

DIREITO POR LINHAS TORTAS

FRANÇA JUNIOR

DIREITO POR LINHAS TORTAS

COMEDIA EM 4 ACTOS

REPRESENTADA NA PHENIX DRAMATICA

EM 8 DE OUTUBRO DE 1870

Rio de Janeiro
NA LIVRARIA POPULAR
DE
A. A. DA CRUZ COUTINHO
75 RUA DE S. JOSÉ 75

403,10

DIREITO

POR

LINHAS TORTAS

COMEDIA EM 4 ACTOS

POR

FRANÇA JUNIOR

RIO DE JANEIRO
Typographia AMERICANA, rua dos Ourives n. 19
—
1871

PERSONAGENS

Fortunato Arruda, 58 annos	Sr. Lisboa.
Leonarda Arruda, sua mulher, 45 annos .	D. Rosina.
Ignacinha Arruda, sua filha, 20 annos . .	D. Julia Heller
Luiz de Paiva, 25 annos	Sr. Galvão.
Commendador Miguel Peixoto e depois Barão da Cova da Onça, 40 annos . . .	Sr. Guilherme.
Felisberta, mulata, 18 annos	D. Izabel Porto.
Santa Rita Gostoso dos Anjos, 40 annos .	Sr. Vasques.
Anastacio. . . . . (Pessoas do povo)	» Rangel.
Henrique. . . . . (Pessoas do povo)	» Pinto.
José. . . . . (Pessoas do povo)	» Santos.
Felippe. . . . . (Pessoas do povo)	» André.
Tres Chicards	» André.
	» Pinto.
	» Rangel.

A acção passa-se no Rio de Janeiro

Epocha — Actualidade

ACTO I

O theatro representa á direita uma igreja, ao lado da qual deve haver uma especie de coreto com luminarias; á esquerda uma casa, tendo em seguida uma linha de coqueiros com lanternas de papel de diversas côres; ao fundo vista de campo com algumas casinhas illuminadas, bandeiras e diversas peças de fogo de artificio. E' noite. Na plata-fórma do coreto ha uma mesa, coberta por uma toalha, com varios objectos, taes como roscas, pombos, gallinhas etc.

Durante o acto muita gente passeia em scena, conservando-se a maior parte apinhada em frente do coreto.

Scena I

SANTA RITA, ANASTACIO, HENRIQUE, JOSÉ E FELIPPE

SANTA RITA (*na plata-fórma do coreto, vestido com uma opa encarnada, segurando uma salva com uma rosca*).

Seiscentos réis tenho pela rosca, seiscentos réis, seiscentos réis, seiscentos réis....

FELIPPE

Seiscentos e oitenta.

SANTA RITA

Seiscentos e oitenta, seiscentos e oitenta tenho, seiscentos e oitenta tenho pela rosca. Afronta faço que mais não acho, si mais achara mais tomara, dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres, uma maior, outra mais pequena. Seiscentos e oitenta e.... (*para Henrique*) Olhe que o senhor perde a pechincha: aquella mocinha está lhe deitando uns olhos! Está mesmo lhe dizendo: Arremate a rosca, moço.

HENRIQUE

Setecentos.

SANTA RITA

Setecentos réis. Não ha quem cubra o lance?

ANASTACIO

Mil réis.

SANTA RITA

Mil réis me dão pela rosca superfina. Mil réis, mil réis.... Que sucia de pingas! Não ha quem dê mais?

JOSÉ

Oitenta réis.

SANTA RITA

Mais quatro vintens dou-lhe eu pela gaiatice.

TODOS

Oh! oh! oh!....

SANTA RITA (*para Anastacio*)

Leve a rosca, moço (*entregando-a*). Tome cuidado, que não lhe faça indigestão (*põe a salva em cima da mesa, e procura outro objecto*).

JOSÉ (*para Anastacio*)

Divida isto com os amigos.

HENRIQUE

Apoiado!

FELIPPE

Pretendes leval-a para a casa? (*Henrique, José e Felippe agarram na rosca*).

SANTA RITA (*com um ananaz coberto por um lenço*)

Silencio e attenção! la vai obra. Tem olhos, e não vê; tem corôa, e não é rei; tem pé e não anda. Advinhem o que é!

HENRIQUE

E' uma banana.

SANTA RITA (*descobrindo o ananaz*)

Tristis est anima mea! Quanto dão pelo arganaz? Vem do latim argo, argas e nás, nasis. (*cheirando*) Vejam só isto, está mesmo desafiando. Lá vai verso, rapasiada.

TODOS

Oh! oh! oh!

HENRIQUE

Silencio.

TODOS

Sciu! sciu!

SANTA RITA (*recitando*)

As setas do deus Cupido
Me vararam o coração.
Viva o povo de Irajá
E os progressos da nação!

FELIPPE

Bravos o Gostoso.

SANTA RITA

Ninguem se tenta? Dez reis para principiar.

JOSÉ

Meia pataca.

SANTA RITA

Meia pataca tenho pelo arganaz. Vale dous mil reis a olhos fechados. E' um torrão de assucar.

HENRIQUE

Quinhentos reis.

SANTA RITA

Quinhentos reis, quinhentos reis.

ANASTACIO

Quinhentos e sessenta.

SANTA RITA

Que cascaria! (*apontando para um do grupo*) Aquelle que ali está, virado de cabeça para baixo, não pinga uma de X (*riem-se todos*). Pois não ha quem dê por ahi, pelo menos, mil e quinhentos pela fruta?

HENRIQUE

Ponha mil e quatro centos.

SANTA RITA

Mil e quatro centos, mil e quatro centos e... vá lá (*entregando a Henrique*). Agradeça a pechincha ao Divino. (*Procura outros objectos.*)

Scena II

OS MESMOS E O COMMENDADOR MIGUEL PEIXOTO E LUIZ DE PAIVA (*sahindo da casa*).

MIGUEL

Decididamente estás louco.

LUIZ

Não acreditas na força do destino? Cesar chegou viu e venceu. Ver essa menina e render-me, foi para mim um acto fatal.

MIGUEL

E' pouco mais ou menos a historia de todos os namorados.

SANTA RITA (*com dous pombos*)

Um casal de pombinhos. (*arremedando*) Corrupá pá pá, corrupá pá pá, corrupá pá pá.

MIGUEL

Ainda hontem chegaste da Côrte ; trouxeste apenas uma pequena mala de viagem e pretendes voltar para lá com a bagagem a mais pesada d'este mundo,—uma mulher !

LUIZ

O commendador é um homem sem crenças.

SANTA RITA

Senectus est morbus ! Quinhentos reis tenho pelo casal de pombinhos batedores.

HENRIQUE

Espere lá (*conversa com Anastacio*).

MIGUEL

Criança, eu conheço palmo a palmo o terreno que queres pisar. Estás então disposto a dar a dextra a esta mulher ? Já estudaste a tua futura sogra ?

HENRIQUE

Oitocentos e vinte.

SANTA RITA

Oitocentos e vinte tenho pelo mimoso par.

MIGUEL

Extranhas talvez a minha pergunta ?

LUIZ

Certamente.

SANTA RITA

Mil reis, mil reis pelos pombinhos (*entrega-os a Henrique*). Eu já volto, rapasiada. Vou molhar a guéla ; até já. (*sahe; Henrique, José, Anastacio e Felippe passeiam pelo fundo*).

Scena III

LUIZ E MIGUEL.

MIGUEL

Estudar a sogra é uma das primeiras necessidades do individuo, que se destina ao estado a que aspiras. Uma noiva é uma mentira viva desde a cabeça até aos pés. Começando por estudar o sorriso com que te ha de receber, no proprio espelho em que ensaia o penteado que lhe vai melhor, não dá um passo que não seja com o desejo de agradar. Si tem um pé mimoso e feiticeiro, toma todas as cautelas, de modo a deixar entrever o rosto do sapatinho, quando distrahidamente conversares a seu lado ; si a natureza, porém, dotou-a com uma d'estas raises, que afujentam os poetas, não trepido d'esde já em apostar a minha cabeça em como nunca lhe lobrigarás o pé.

LUIZ

Ora, commendador.

MIGUEL

Quanto ao moral, a noiva é sempre uma pomba sem fél. Cordata, como um polaco, abraçará toda, as tuas opiniões, salvo o caso de um ou outro arrufos estudado de ante-mão para que possas com mais facilidade engulir a isca.

LUIZ

Sempre o conheci com a mania de pregar moral.

MIGUEL

Procuro fallar sempre a verdade, seja ella embora contra mim. Ao passo que a noiva tudo occulta, a mãi, que não tem interesse immediato em enganar, apresenta-se tal qual é. Não estuda sorrisos ao espelho, e nos trances os mais pequenos da vida está trahindo a filha.

LUIZ

Eu conheço muitos exemplos em contrario.

MIGUEL

Que constituem excepções, que vêm confirmar a regra geral.

LUIZ

Seja como fôr, não me curvarei ao poder de sua logica. Estou decidido a dar este passo, e a filha de Fortunato Arruda será minha.

MIGUEL

Casa-te, rapaz, casa-te.

LUIZ

Sinto por ella um paixão irresistivel.

MIGUEL

Uma paixão de vinte e quatro horas!

LUIZ

O senhor não conhece o coração humano. Vêr uma mulher e amal-a é o acto mais natural d'esta vida. Li, não sei onde, que as almas nascem aos pares; no momento em que o creador lança ao mundo a alma de um homem, n'esse momento surge tambem a alma de uma mulher do seio da creação. Acontece muitas vezes que essas almas jámais se encontram; porquanto uma nasce, por exemplo, na Russia e a outra na Patagonia. Dous seres se ligam, julgam-se talhados um para o outro, e mais tarde reconhecem que não podem formar pares na quadrilha universal. A desigualdade dos casamentos provém do raro encontro das almas irmãs. Quando vi hontem pela primeira vez aquella menina, disse logo:— ali está a alma que Deus me destinou.

MIGUEL

A' vista d'isto.....

LUIZ

Serei seu marido.

MIGUEL

E estás bem convencido de que não tomas a nuvem por Juno?

LUIZ

Convencidissimo.

MIGUEL

Pois bem: casa-te, rapaz (*diversas pessoas sahem da igreja*) Está acabado o *Te-Deum*. Ahi vem a tua alma.

Scena IV.

OS MESMOS, FORTUNATO ARRUDA, LEONARDA ARRUDA, IGNACINHA ARRUDA E FELISBERTA (*que sahem da igreja*).

LEONARDA

Que desaforo! Não se póde aturar semelhante bandalheira!

IGNACINHA (*puchando o vestido de Leonarda*).

O que é isto, mamãi?

LEONARDA

Deram-me empurrões, encurralaram-me no altar-mór, riram-se do meu vestido, dos meus brincos, das minhas luvas, e ainda tenho o braço inchado dos beliscões que levei.

IGNACINHA

Mamãi.

LEONARDA (*para Ignacinha*).

A senhora achou aquillo bonito? (*para Fortunato*) E este pastrana, de boca aberta, a ouvir calado as chufas e as inconveniencias que os taes pelintras diziam á mulata. Era mesmo uma agua morna!

FORTUNATO

Mas senhora...

LEONARDA

Nem se mechia! Forte tambôr! Mas os pintalegretezinhos que agradeçam ao Santissimo que estava exposto no altar.

FORTUNATO

Está bom, senhora; isto não vai a matar.

LEONARDA (*para Felisberta*).

Passe para a casa (*Felisberta entra em casa*). No meu tempo não havia essas bandalheiras.

MIGUEL

A Sra. D. Leonarda faz-se mais velha do que é; no meu tempo, que é tambem o seu...

LEONARDA

Eu creio que sou um pouco mais moça que o commendador.

MIGUEL

Perdão...

LEONARDA

Ora eu lhe digo: Ignacinha nasceu tres annos depois do meu casamento. Quando eu me casei, tinha dezoito annos.

FORTUNATO

Quando nos casamos, tu tinhas vinte e dous.

LEONARDA

Sr. Fortunato, não tenha o desafôro de me desmentir em publico.

IGNACINHA (*para Luiz*).

O senhor está caçoando. Quem sou eu? Uma pobre moça da roça...

LUIZ

As flôres do campo são as mais lindas, e aquellas que exhalam mais suave fragrancia.

MIGUEL

Eu dou-me por vencido; a Sra. D. Leonarda é muito mais moça do que eu. Como ia lhe dizendo, no meu tempo as cousas eram peiores que hoje.

IGNACINHA (*para Luiz*).

Eu não creio nos moços da cidade.

LUIZ

Porque?

FORTUNATO

Ainda me lembro do que se passou comigo ha

trinta e tantos annos. Havia uma grande festa em Marapicú. Ora eu não sou lá dos mais apaixonados pelas festas; mas meu pai, que era uma santa creatura, a quem Deus haja, obrigou-me a ir, dizendo-me que não havia de arrepender-me. Montei no meu burrinho, era um burrinho ruço, que marchava, que fazia gosto. (*Leonarda conversa com Luiz e Ignacinha, que passeiam pelo fundo*). Meu pai tinha tres burros para o seu serviço; um baio, outro castanho e este ruço. O burro baio era menos máo, mas tinha o defeito de empacar diante de todas as vendas.

MIGUEL (*áparte*).

Que historia interminavel!

FORTUNATO

O ruço e o castanho eram algum tanto passarinheiros. Para lhe fallar com franqueza, eu não gosto de burros, porque nunca me hei de esquecer de uma historia, que contam... Não sei se sabe?

MIGUEL

Sei, sei; vamos adiante.

FORTUNATO

Onde estava eu?

MIGUEL

No capitulo das antipathias pelos burros.

FORTUNATO

E' verdade. Saio pela estrada e encontro-me com a familia do major Pereira, que ainda vem a

ser parente de minha mulher; porque o major Pereira foi casado duas vezes; primeiro casou-se com a filha do Cajueiro da — Fazenda do Páo Grande—, a mulher morreu de uma perniciosa, como soffreu aquella pobre creatura! os medicos receitaram-lhe tisanas e mais tisanas, tomou sulphato a dar com um páo; a infeliz senhora tinha a pelle sobre os ossos. Podera não! Pois si não comia ha vinte dias!! Eu, no meu caso, mandava dar-lhe algum caldinho de galinha. Depois veio a casar com uma tia politica de minha mulher. O major, logo que avistou-me, obrigou-me a parar: — Oh! como está? como tem passado? —Vae-se indo, menos mal.—Não pergunto pela familia, porque vejo que gosa saude. Palavras puxam palavras, seguimos juntos para o arraial.

MIGUEL (*rindo-se contrafeito*).

E' uma historia muito engraçada, eu já sei o fim. O senhor foi para....

FORTUNATO

Eu lhe conto o que me aconteceu. Foi tambem, si não me engano, em uma festa do Espirito Santo.

LEONARDA (*vindo com Ignacinha e Luiz para a bocca da scena*).

Aposto que está arrependido de ter abandonado a Côrte por estes dias?

LUIZ

Nunca me julguei tão feliz.

IGNACINHA

Não creio.

LEONARDA (*para Miguel*)

Porque não veio passeiar, commendador?

MIGUEL

Estou ouvindo uma historia muito interessante que o Sr. Fortunato está contando.

LEONARDA

Pois ainda a mesma historia! Este homem é capaz de fazer perder a paciencia a um santo. Quando começa a contar um caso, perde-se nos pormenores os mais insignificantes, e nunca chega ao fim. O senhor tem o previlegio de afugentar-me de casa os hospedes.

FORTUNATO

Está bom, senhora; não se amofine, isto não vai a matar.

MIGUEL

Tem toda a razão. Viemos aqui para passar tres dias agradaveis, e apreciar esta bella festa. Nada de amofinações. O' saudosos tempos da minha juventude! Quando me vejo em um desses pagodes, é que avalio o quanto este paiz é conservador por indole, e sabe guardar illesas as suas tradições. Nada se muda; tudo segue inalteravel o mesmo curso. Ali está o classico imperio com o mesmo leiloeiro a dizer as mesmas pilherias, os mesmos coqueiros murchos balouçando ás brisas lanternas furtacores, o mesmo fogo de

artificio com o classico barbeiro a gyrar em torno da roda, a mesma fragata a atacar castellos, e o remate do—Gloria ao Divino—, illuminado por fogos de cores. Em vão a locomotiva do progresso e o fio electrico passam por estes sitios. E' um grande paiz este meu Brasil!

LUIZ

O commendador, minha senhora (*para Leonarda*) é um ente muito positivo. Não comprehende o que vai de poetico n'essas tradições, que perpetuam os costumes de um povo.

MIGUEL

As tradições é que têm sido a causa do atraso em que vivemos. Por amor das taes tradições, os nossos homens de estado estudam politica por Aristoteles, eloquencia por Quintiliano e philosophia por Genuense. Os filhos vão seguindo a mesma marcha, e este paiz caminha, é verdade, mas sob o influxo benefico da Divina Providencia.

FORTUNATO

Parece-me que o commendador é meio republicano.

LUIZ

O que não o impede de acceitar condecorações.

MIGUEL

Graças a quatro moleques que mandei para o Sul. Si me desfizesse da cosinha inteira, estaria hoje titular.

FORTUNATO (*rindo-se*)

E' boa! é boa!

LEONARDA

Eu já lhe tenho dito que não quero que o senhor se metta em politica.

FORTUNATO

Mas, filha, estamos em um paiz livre.....

LEONARDA

Não admitto replica. O senhor está em minha casa; quem manda n'ella sou eu.

MIGUEL (*baixo, a Luiz*)

Que tal é a menina?

LUIZ (*baixo*)

E' um anjo!

MIGUEL (*baixo*)

E a velha é um cherubim! (*para Fortunato e Leonarda*). Vamos dar um passeio pelo povoado, emquanto não se ataca o fogo. (*Santa Rita apparece na porta da igreja*).

LUIZ

Hão de permittir-me que fique. (*Sahem todos, menos Luiz*).

Scena V

LUIZ E SANTA RITA

LUIZ

Vem cá.

SANTA RITA

O que deseja S. S. d'este seu humilde servo?

LUIZ

Ha quanto tempo estás em casa do senhor Fortunato?

SANTA RITA

Ora, eu já lhe digo; vim da Bahia em 1863, mil e oitocentos e sessenta e tres para sessenta e oito vão cinco.... Estou aqui ha cinco annos, e durante esse tempo, com o favor de Deus, tenho exercido o logar de sachristão na fazenda de meu amo.

LUIZ

Tu és capaz de responder-me com franqueza á uma pergunta?

SANTA RITA

Eu sou bahiano da gêma, nasci na baixa de Itapagipe, e Santa Rita Gostoso dos Anjos não deixa pergunta sem resposta.

LUIZ

A filha de tua ama não sente inclinação por nenhum moço d'este logar?

SANTA RITA

Homem... para lhe fallar com franqueza.... Eu lá sei... Isto de mulher é bicho tão dissimulado! Mas parece-me que a menina ainda não engulio isca. Eu ouço ella todos os dias dizer lá em casa que tem vontade de mudar-se para a cidade. Olhe, si ha alguma cousa é com algum moço da Côrte.

LUIZ

Ella nunca foi á Côrte?

SANTA RITA

Apenas duas vezes. A velha costuma vir passar todos os annos a festa do Divino aqui nesta casa, que é propria.

LUIZ

Si eu te pedisse um favor, eras capaz de m'o prestar? Tú és um rapaz intelligente e atilado.

SANTA RITA

Ora, meu senhor, quem sou eu para acompanhar nosso pai fóra d'horas.

LUIZ

Si fosse possivel fazer chegar uma carta ás mãos de D. Ignacinha.

SANTA RITA

Mas isto assim, sem mais, nem menos? O senhor já lhe piscou o olho, já lhe pisou no pé, ella já lhe fez presente de algum panno de barba, já lhe deu

alguma flôr, já lhe deu cabellos? Não se entrega uma carta sem essas formalidades. Eu cá quando namoro, gosto de fazer as cousas em regra.

LUIZ

Deixa-te de capadoçagens. Entregas ou não a carta?

SANTA RITA

E si ella não quizer receber?

LUIZ

Tenho toda a certesa, que a receberá. Dou-te uma bôa molhadura.

SANTA RITA

Defunto não engeita cova; mas si S. S. dá licença, eu peço-lhe um obsequio, além da molhadura.

LUIZ

Qual é?

SANTA RITA

Saberá S. S. que eu tambem gosto.... da mulatinha cá da casa....

LUIZ

Comprehendo. E queres tambem que lhe entregue alguma carta?!

SANTA RITA

Nada, não, senhor; nós cá não temos d'estas historias.

LUIZ

Então o que queres tú?

SANTA RITA

Eu desejava que S. S. arranjasse o consentimento da velha para o nosso casorio. Podia ficar isto em familia... Minha ama tem suas patacas... é uma mulatinha de estimação..... e o meu futuro estava arranjado. Si S. S. me promettesse....

LUIZ

Estou prompto a advogar a tua causa, uma vez que te interesses por este negocio. Entregas hoje mesmo a carta, sim?

SANTA RITA

Homem.... isto agora é que se fia mais fino. Hoje é impossivel. Mas já que S. S. é tão apressado, porque não diz logo, na occasião de se atacar o fogo.... O senhor me entende.... duas palavrinhas bonitas.... por exemplo: — meu coração abrasa! não posso viver sem ti! — Isto, com umas tremidellas na voz, vale mais que trinta cartas. Porém o senhor quer começar por onde os mais acabam!

LUIZ

Mas tú não sabes que a paixão verdadeira tem o poder de nos embargar a palavra, ao lado da mulher que amamos?

SANTA RITA

Quaes o que! São caraminholas que não en-

gulo. Ainda não encontrei até hoje mulher alguma que me fizesse ficar mudo.

LUIZ

Em summa: entregas ou não, hoje mesmo, a carta?

SANTA RITA

Deixe-me ver um meio de arranjar isso *(pensando)*. Ah! tenho uma idéa! Eu vou apregoar d'aqui ha pouco um pão de loth e uma galinha. Amarro a carta ao pescoço da galinha, digo ao respeitavel publico que aquillo é um segredo, S. S, arremata a historia e faz presente da galinha juntamente com a carta á pequena, tendo a cautela de dizer-lhe em voz baixa: — Não deixe ninguem lêr isto? Hein? Que tal?!

LUIZ

E si a velha abrir o segredo?

SANTA RITA

O que tem? Ficará sabendo já o que deve saber mais tarde.

LUIZ

No meio de tudo, vejo que te queres livrar da responsabilidade da entrega, fazendo convencer á tua ama que a carta veio ter ás mãos da filha...

SANTA RITA

Por obra e graça do Espirito Santo. A qui qui mineris.

LUIZ

E's um grandissimo velhaco. Seja como fôr, toma. *(entrega a carta)*.

SANTA RITA

S. S. verá com que limpeza se arranja o negocio. *(Luiz dá-lhe dinheiro)*. O Divino lhe dê muitas felicidades.

LUIZ

Eu já volto. *(sahe pelo fundo)*.

Scena VI

SANTA RITA E FELISBERTA *(que sahe de casa com duas cadeiras e colloca-as ao lado da porta)*.

SANTA RITA

Grande novidade no becco. Si tú soubesses...

FELISBERTA

O que é?

SANTA RITA

O tal mocinho, que chegou hontem da Côrte, está chumbado devéras por tua sinhá moça.

FELISBERTA

E ella ainda mais por elle! Si tu visses os elogios que lhe faz... Ainda hoje de manhã deu-me

uma porção de beliscões, porque não lhe arrangei o penteado lá como entendia. E' digna filha de tal mãi !

SANTA RITA

Então pelo que vejo, as bichas vão pegar ? Salvo si o velho se oppuzer.

FELISBERTA

Que tolice ! Pois sinhô lá tem vontades n'esta casa !

SANTA RITA

Aposto que não sabes que d'este casamento depende a nossa felicidade?

FELISBERTA

Porque?

SANTA RITA

Porque o senhor Luiz ficou de arranjar o nosso casorio, depois de ter apertado o doce nó com a menina.

FELISBERTA

Duvido muito. Si sinhá não dá confianças ao velho, o que dirá ao genro?

SANTA RITA

Quem sabe si elle não lhe quebrará a prôa?

FELISBERTA

Elles não tardam; será bom que você saia de perto de mim para não haver alguma estralada.

Sinhasinha recommendou-me que puzesse as cadeiras na porta para verem todos o fogo d'aqui; vou buscal-as. (*sahe*).

SANTA RITA

Tambem não tenho tempo a perder. Vou acabar o leilão. (*entra na igreja*).

Scena VII

MIGUEL, LUIZ, LEONARDA, FORTUNATO E IGNACINHA

MIGUEL

Eu sou de opinião, que partamos amanhã para a Côrte.

LUIZ

Eu não sahirei d'aqui emquanto houver festa. (*para Ignacinha baixo*). Se soubesse o que me vai pelo coração...

FORTUNATO (*para Leonarda*)

Não se zangue, senhora; isto não vai a matar.

LEONARDA (*arremedando-o*)

Eh ! isto não vai a matar ! Vê-me quasi suffocada no meio do povo, e nem ao menos tomou o expediente de ir abrir o caminho.

FORTUNATO

Pois a senhora quer obrigar-me n'esta idade a

abrir caminhos? (*para Miguel*) Eu lhe conto o que me aconteceu uma vez (*durante esta scena Felisberta arruma as cadeiras, a proporção que as traz de dentro; Ignacinha, Luiz e Leonarda sentam-se*). Era eu solteiro, e estava n'este tempo um rapagão desempenado: não soffria dos callos, como hoje, que me põem os pés a tinir, principalmente quando ha mudança de tempo. Em ameaçando chuva, é sabido.....

LEONARDA

D'aqui podemos apreciar o fogo á nossa vontade.

Scena VIII

OS MESMOS, SANTA RITA E ANASTACIO, HENRIQUE, JOSE' E FELIPPE (*que se postam juntamente com varias pessoas em frente do coreto*)

SANTA RITA (*no coreto, com um pão de loth em uma salva*)

Cá está de novo o Gostoso,
Que é fino tabaco em pó!
Rapasiada do bom gosto,
Quanto dão pelo lóló?

JOSÉ

Bravos o poeta.

SANTA RITA

Não ha nenhum casca por ahi que se atreva a lançar?

MIGUEL (*para Fortunato*)

E' muito comprida a historia?

FORTUNATO

Eu lhe digo o que houve.

SANTA RITA

Vejam só esta massa como está loura! Está provocando uma dentada.

FELIPPE

Um tostão.

SANTA RITA

Um tostão tenho pelo lóló, um tostão, um tostão....

ANASTACIO

Quinhentos réis.

JOSÉ

Toma espiga.

SANTA RITA

Quinhentos réis, quinhentos, quinhentos..... Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres. Quinhentos réis. Estou queimado.

FELIPPE

Dez tostões.

LEONARDA (*para Miguel*)

Ainda não arrematou nada, commendador?

MIGUEL

Não, minha senhora; estou á espera que o Sr. Fortunato arremate a sua historia.

LEONARDA

Eu já me encarrego de arrematal-a; Sr. Fortunato, passe para aqui. (*Fortunato senta-se*).

SANTA RITA

Dez tostões me offerecem pelo rico pão de loth.

MIGUEL

Dous mil réis, e passe-o para cá.

SANTA RITA

Bem se vê que isto não é piaba cá da terra. Leve a droga (*entrega o pão de loth a Miguel, que offerece-o a Leonarda.*)

MIGUEL (*a Luiz*)

E' preciso que o meu amigo arrematte tambem alguma cousa.

SANTA RITA (*com uma gallinha anilada tendo uma carta ao pescoço*)

Có, có, cóco, coró có, có có coró.

TODOS

Ah! Ah! Ah!!

SANTA RITA (*olhando para Luiz*)

Quem vai arrematar esta gallinha é um mocinho cheiroso da Côrte.... Olhem só como elle me

espia. Quanto dão pela galinha e o competente segredo? E' pura raça cochinchina! Dá caldo para um hospital e jantar para um batalhão.

LUIZ (*levantando-se*).

Dous mil réis.

SANTA RITA

E então? Olhem o bichinho como vem cahir no laço. Só o segredo vale o dobro. Dous mil réis tenho pela galinha, dous mil réis, dous e....

HENRIQUE

Dous e quinhentos.

LUIZ

Tres mil réis.

SANTA RITA

Tres mil réis já me offerecem pelo lusido galinaceo.

LEONARDA

Que diabo tem ella no pescoço?

FORTUNATO

E' um segredo, filha.

SANTA RITA

Tres mil réis, tres mil reis.

JOSÉ

Quatro mil réis.

LUIZ

Cinco.

SANTA RITA

Não ha quem dê mais? (*pausa*). Aqui tem a cochinchina (*entrega a Luiz e sahe juntamente com Anastacio, Henrique, José e Felippe*).

Scena IX

LUIZ, MIGUEL, FORTUNATO, IGNACINHA E LEONARDA

LUIZ (*entregando a galinha a Ignacinha*)

Quero dar-lhe tambem um presente (*baixo*). Não deixe ninguem vêr o segredo.

LEONARDA

Vejamos em que consiste o segredo.

IGNACINHA

Não é nada, mamãi; não é nada.

MIGUEL

Não, senhora, tenha paciencia; eu tambem quero vêr.

LUIZ (*á parte*)

Estou em talas.

LEONARDA

Deixa vêr, menina.

IGNACINHA

Ora, mamãi (*corre para a casa com a galinha*).

Scena X

OS MESMOS, MENOS IGNACINHA

MIGUEL (*baixo a Luiz*)

E' uma maneira original de se entregar uma carta.

FORTUNATO

Eu já arrematei tambem em uma occasião um segredo. E' verdade que foi sem querer.... Tinha na carteira apenas dez mil réis, mas o diabo do leiloeiro taes pilherias contou....

LEONARDA

Estou morta por saber o que é aquillo. Ignacinha?

Scena XI

IGNACINHA, FORTUNATO, LEONARDA, LUIZ E MIGUEL

IGNACINHA (*rindo-se*)

Forte caçoada (*mostrando um papel em branco*). Aqui está o segredo.

FORTUNATO *(para Miguel)*

Foi justamente o que me aconteceu.

LUIZ *(baixo a Ignacinha)*

Qual é a sua resposta?

IGNACINHA *(baixo)*

Que o autoriso a pedir a minha mão

MIGUEL *(á parte)*

Que sonça! *(ouve-se a bomba de um foguete)*.

TODOS

Oh! Oh!...

LUIZ

E' o fogo que começa.

MIGUEL *(baixo a Luiz)*

E a tua felicidade que finda! *(sentam-se todos nas cadeiras)*.

(Cahe o panno)

ACTO II

O theatro representa uma sala, regularmente mobiliada, em casa de Luiz de Paiva. E' noite.

Scena I.

LUIZ (só).

LUIZ *(acalentando ao colo uma criança e cantando)*

Menino bonito
Não dorme na cama,
Dorme no regaço
Da Senhora Santa Anna.

Senhora Santa Anna,
Ninai este menino,
Que as noites são grandes
E elle é pequenino.

(Gritando para dentro). Felicidade? ó Felisberta? Não ha ninguem nesta casa? Felisberta?

Scena II.

O MESMO E FELISBERTA.

FELISBERTA

O que quer, nhonhô?

LUIZ

Onde está a ama?

FELISBERTA

A ama está apertando o collete de sinhá velha.

LUIZ

E a Felicidade?

FELISBERTA

Felicidade sahio: foi comprar uma peça de fita no armarinho.

LUIZ

E o que faz você lá dentro?

FELISBERTA

Estou vestindo sinházinha.

LUIZ

Pois não ha quem venha carregar o menino?

FELISBERTA

Eu não sei. Isto é lá com sinházinha. Está braba, que Vm. não faz idéa! Já deu dous cachações em

tia Maria, porque não pôz gomma bastante nas saias, e prometteu-me uma grande sóva, porque fiz a cintura do vestido muito larga; no entretanto, Vm. não imagina como está o corpinho do tal vestido. Estou ha um quarto d'hora a querer abotoal-o: quem diz?! Olhe os meus dedos... (*Mostrando os dedos*).

LUIZ

Está bom: tome o menino (*entrega a criança a Felisberta*); leve-o para o berço.

Scena III.

LUIZ, FELISBERTA E IGNACINHA.

IGNACINHA (*de dentro*)

Felisberta?

FELISBERTA

Lá está ella me chamando.

IGNACINHA (*de dentro*)

O' diabo?

FELISBERTA (*gritando*)

Lá vou, sim, senhora.

IGNACINHA (*entrando, com o corpinho do vestido desabotoado*).

O' ladra de uma figa; pois tu me deixas com o vestido desabotoado, e vens te pôr de palestra aqui na sala?!

LUIZ

Ella estava segurando no menino, senhora; no nosso filho.

IGNACINHA

E o senhor porque não o carrega?

LUIZ

Parece-me que não faço outra cousa nesta casa, desde que elle nasceu!

IGNACINHA

Não faz mais que a sua obrigação.

LUIZ

Si a senhora e sua mãi cumprissem com as suas obrigações, não dariam constantemente nesta casa os escandalos, de que a visinhança tem sido testemunha.

IGNACINHA

Quando fallar em minha mãi, limpe a boca, ouvio? O senhor ha de nascer e tornar a nascer para chegar-lhe aos calcanhares.

LUIZ (*baixo*)

Repare que estamos adiante de uma escrava.

IGNACINHA

Diga já quaes são os escandalos que praticamos?

LUIZ

Em primeiro logar sahirem as senhoras todos

os dias, e andarem por toda a parte sem seus maridos.

IGNACINHA

Antes de nos casarmos, o senhor dizia que isto era móda cá na côrte.

LUIZ

Segundo: deixarem a casa ao — Deus dará,— e fazerem por dá cá aquella palha uma gritaria diabolica, que já servio de thêma á uma publicação a pedido nas folhas publicas.

IGNACINHA

Terceiro: não tenho que lhe dar satisfações dos meus actos; hei de sahir quantas vezes quizer e gritar até arrebentar. Fique sabendo, uma vez por todas, que eu aqui sou senhora do meu nariz.

LUIZ (*a Felisberta, que passeia, durante esta scena, ninando o menino*)

Dá cá o menino. E' o unico consolo que me resta no meio do martyrio em que vivo. (*Sahe*).

Scena IV.

FELISBERTA E IGNACINHA

IGNACINHA

Abotôa isto, anda, diabo. (*Felisberta tenta abotoar o vestido e não póde*) O' desageitada!

FELISBERTA

Está muito apertado, sinhásinha.

IGNACINHA

Mulata, não me exasperes; olha que d'aqui mesmo te desando.....

FELISBERTA

Sinhásinha está estufando a barriga.....

IGNACINHA (*frenetica; examinando os colchetes*).

Ora dá-se, pois esta ladra não está abotoando os colchetes desencontrados!

FELISBERTA

Não se zangue; já está quasi abotoado.

IGNACINHA

Não me futiques o vestido.

Scena V

IGNACINHA, FELISBERTA E LEONARDA

LEONARDA (*vestida para sahir*)

Ainda não estás prompta, menina?

IGNACINHA

Já vou, mamãe. (*a Felisberta que acaba de abotoar o vestido*). Ora, graças á Deus!

LEONARDA

Anda; vai pôr o chapeu, o carro já está ahi. Impliquei com este vestido, não sei o que acho n'elle.

IGNACINHA

Tem uma cauda muito pequena.

LEONARDA

E eu que tanto recommendei á franceza, que o queria bem á moda. Passo-lhe uma descalçadeira a primeira vez que lá fôr. Não achas este penteado muito baixo?

IGNACINHA

Não, está bom (*sahe*).

LEONARDA (*para Felisberta*)

Endireita-me as fitas d'este chapeu (*Felisberta endireita*). Veja lá si me vai para a janella, assim que eu sahir. Diga a seu amo, quando elle vier, que tome conta da casa. (*Gritando para dentro*) O' menina? (*Empurrando Felisberta, e endireitando as fitas do chapeu*). Sahe, sahe, vai dizer á sinhasinha que são horas.

FELISBERTA (*á parte*)

Irra! (*bensendo-se*) Padre, Filho e Espirito Santo (*sahe*).

Scena VI

MIGUEL E LEONARDA

MIGUEL (*entrando pelo fundo*)

Ainda se lembram do velho amigo?

LEONARDA (*com alegria*)

O' Commendador!! Quando chegou?

MIGUEL

Hontem, no paquete inglez. E' a primeira casa que visito, ao chegar aos patrios lares. Onde está o Sr. Fortunato? E o Luiz?

LEONARDA

Meu genro está lá d'entro com o menino.

MIGUEL

Olé! Já ha um nenê em casa?! Imagino a alegria que por aqui vai.

Scena VII

OS MESMOS E IGNACINHA

IGNACINHA

Oh! senhor commendador, já de volta!

MIGUEL

E' verdade, minha senhora. No meio dos ruidos e prazeres do velho mundo ralava-me a saudade da patria. Depois de alguns mezes veio-me a saciedade, e sentia-me asphyxiado sob aquella athmosphera.

IGNACINHA

Os que lá vão não dizem isto.

MIGUEL

Os pedantes, minha senhora, aquelles que trazem apenas d'aquelle fóco de civilisação um bigode torcido, calça colada ao joelho, collarinho de papellão e a gyria que aprenderam nos cafés e *restaurants*.

IGNACINHA

Eu suspiro por ir á Europa.

LEONARDA

Qual é a ultima moda de vestidos, senhor commendador?

MIGUEL

O que a imaginação ostenta de mais extravagante: fôfos na cabeça, fôfos no corpo, fôfos nos pés..... tudo fôfo, minha senhora. O fôfo é o caracteristico da sociedade actual.

Scena VIII

FORTUNATO, LEONARDA, IGNACINHA E MIGUEL

FORTUNATO (*entrando com um embrulho debaixo do braço*).

Aqui está, menina. (*entrega-o á Leonarda*).

MIGUEL

Venha lá um abraço.

FORTUNATO

Como está moço e bonito!

LEONARDA (*depois de ter aberto o embrulho*). O senhor nunca entende o que se lhe diz. Eu pedi-lhe botinas de salto alto, e o senhor traz-me isto!

FORTUNATO

Foram as melhores que achei.

LEONARDA

Este homem é capaz de fazer perder a paciencia a um santo. E dizem, depois, que eu tenho máu genio! A minha vontade era..... (*atira com as botinas ao chão*).

FORTUNATO (*apanhando-as*)

Está bom, senhora; isto não vai a matar.

IGNACINHA

Vamos, mamãi.

LEONARDA

O senhor commendador ha de dar-nos licença.

MIGUEL

Pois não, minha senhora.

LEONARDA

Vamos fazer uma visita de parabens, e já voltamos.

IGNACINHA

Até já (*sahe juntamente com Leonarda*).

Scena IX

MIGUEL E FORTUNATO

FORTUNATO

Ora veja o senhor como ellas se armam. Esta mulher encommendou-me umas botinas; eu saio de casa, por signal que algum tanto incommodado, porque ha alguns dias que sinto umas picadas no braço..... não sei que diabo seja isto. Está me querendo parecer que é reumathismo. Encontro-me com o Pereira, que é homem que entende de modas, porque a mulher traja debaixo de todo o rigor...Tambem não sei onde é que elle vai buscar dinheiro para sustentar aquelle luxo! Eu, que não sou lá dos menos apatacados, não posso fazer d'estes milagres; mas emfim cada um vive como entende, e não tem que dar satisfações a ninguem. O Pereira indica-me a casa de um Guilherme, na

rua da Quitanda, e que é o sapateiro da gente..... Ora espere; deixe-me ver qual foi a palavra que elle empregou.

MIGUEL

Vamos adiante; isto não vem ao aso.

FORTUNATO

Ah!... Da gente *chique*. Era a mesma casa, que minha mulher me havia indicado. Leonarda, depois que se mudou para a côrte.....

MIGUEL

Ah! o senhor está morando aqui?

FORTUNATO

Moramos todos juntos. Voltando ao que lhe ia dizendo.....

Scena X

OS MESMOS E LUIZ

MIGUEL (*para Luiz*)

Nos meus braços.

LUIZ

Ah! commendador, que alegria! Sabe que estou muito zangado com o senhor?

MIGUEL

Não creio.

LUIZ

Pois é verdade. Durante todo o tempo em que esteve na Europa, esqueceu-se completamente da minha pessôa. Nem uma linha sequer ao pobre diabo, que cá ficava.

MIGUEL

Dou-te os meus parabens; já sei que és pai.

LUIZ

E' verdade.

MIGUEL

Aposto que é uma menina viva e travessa, faces rubicundas, duas saphiras á flor do rosto, um anjinho das creações desses genios, cujas telas acabo de admirar nos museus do velho mundo?

LUIZ

E' um rapaz.

MIGUEL

Ainda bem; um rapagão! Como és feliz!

LUIZ

Feliz? (*pensativo*).

FORTUNATO

Vou mudar esta roupa, estou alagado em suor. Si soubesse como implico com o calôr... O defunto meu pai dizia-me muitas vezes... O senhor conheceu meu pai; era um homem alto, forte, tinha muita força de sangue.....

MIGUEL

Vá mudar a roupa; não faça cerimonia commigo.

FORTUNATO

Então.... *(sahe).*

Scena XI

MIGUEL E LUIZ.

MIGUEL

Que ar pensativo é este, Luiz? O que tens?

LUIZ

Nada.

MIGUEL

Uniste-te á uma menina, que era o teu ideal, a tua alma, como me disseste ha um anno e tanto; lembras-te?

LUIZ *(suspirando)*

Lembro-me.

MIGUEL

A providencia deu-te um filho, cercam-te todos os gosos, estás ainda moço, e tua mulher conta apenas vinte e tres primaveras. O que mais desejas? Eu que nasci com a predestinação do celibatario, não duvidaria por tal preço arriscar a minha liberdade

LUIZ

Commendador, o senhor foi um propheta.

MIGUEL

Devéras?

LUIZ

Não póde imaginar os tormentos por que tenho passado. Ignacinha é a photographia viva de minha sogra, e eu tornei-me o daguerreotypo fiel de meu sogro. Nesta casa, eu e elle representamos o papel de zeros, á esquerda da unidade.

MIGUEL

Pobre Luiz.

LUIZ

Ha uma differença, porem, entre nós; o senhor Fortunato entende que isto não vai a matar, e eu sinto que se aproximam os limites da paciencia, com os dissabores, que crescem de dia em dia.

MIGUEL

Pois aquella creatura, que era um anjo.....

LUIZ

Não zombe da minha posição, commendador. Ignacinha seria ainda hoje talvez um anjo, si minha sogra não tivesse a maldita idéa de vender as suas fazendas, logo depois do nosso casamento, e mudar-se de uma vez para a Côrte. A nossa lua de mel durou apenas dous mezes. A discordia entrou-nos em casa com aquella maldita mulher, que introduzio aqui a desordem desde a cosinha até á

sala de visitas. O vergalho vive lá dentro em continuo exercicio, e perdi de todo a moralidade perante os meus escravos, testemunhas quotidianas das scenas vergonhosas, de que sou victima.

MIGUEL

Scenas vergonhosas ? ! Dar-se-ha accaso que.... Pontos de honra talvez ? !

LUIZ

Oh ! não ! Por esse lado, em tão boa hora o diga, levei ao altar uma esposa modelo. Ignacinha tem em seu seio germens de grandes virtudes, mas sobeja-lhe em indole o que falta-lhe em educação. Longe dos exemplos de sua mãi, sua alma ia se amoldando á minha, e o futuro parecia sorrir-nos n'esses dias felizes, que passavamos um ao lado do outro, conchegados no regaço do mais puro amor.

MIGUEL

Esse regaço do puro amor não era mais que o resultado ephemero da lua de mel. Quer tua sogra batesse-te ás portas, quer não, a mimosa diva de Irajá devia apresentar-se mais tarde tal qual era. As lições e exemplos que bebemos no seio da familia jámais se desapegam do nosso espirito, e a familia, meu caro Luiz, resume-se nessa mulher que nos dá o ser, que acalenta-nos em seu seio, que nos ensina a balbuciar as primeiras palavras, e que aponta-nos o caminho do céo nas primeiras orações que ouvimos de seus labios. O que esperavas dos exemplos de tua sogra ? Estudaste-a, por ventura, antes de dar tão arriscado passo ? Deixaste-

te fascinar pela belleza, que talvez já não admiras, e só agora te lembras da educação, que devera ser a base da felicidade que procuravas.

LUIZ

Eu a regeneraria com os meus exemplos, e este lar seria um paraiso.

MIGUEL

Criança ! Não se destróe em tão pouco tempo a obra de annos. Rolarias a pedra, como o Sisypho da fabula, sem nunca attingir á meta de teus esforços.

LUIZ

O que fazer então, commendador ? Eu não posso por mais tempo conservar-me n'essa posição humilhante. Revejo-me a cada passo no senhor Fortunato e comprehendo o papel ridiculo, que estou representando. Minha mulher, como geralmente se diz, poz-me o pé no cachaço. Infelizmente, por amor da sociedade em que vivo, não posso recorrer a meios rigorosos para manter a minha attitude de marido.

MIGUEL

Por amor unicamente da sociedade em que vives ! ? Não ha consideração alguma, qualquer que ella seja, Luiz, que obrigue o homem a lançar mão de taes meios para com aquella, a quem estendeu a dextra. Ha muitas maneiras de evitar o mal, sem quebra da dignidade propria.

LUIZ

O commendador theorisa; eu quizera vêl-o nas minhas circumstancias.

MIGUEL

Ora dize cá: tu estás rico...

LUIZ

Infelizmente.

MIGUEL

Infelizmente?! Homem, essa é bôa!

LUIZ

A minha riqueza é uma ignominia. Sabe que quando me casei era pobre, e minha mulher leva constantemente a lançar-me em rosto o dinheiro que trouxe.

MIGUEL

Não te incommodes por isso. Olha: arranja um emprego para a provincia, a mais longinqua possivel, e lá, distante de tua sogra, vê si consegues continuar essa obra de regeneração que ella veio interromper. Quanto a mim, duvido, mas emfim é bom tentar.

LUIZ

O senhor não conhece minha mulher e muito menos minha sogra. Convencer Ignacinha a abandonar hoje a Côrte é um impossivel tão grande, como fazer um peixe respirar fóra d'agua. As modas, os passeios, os theatros têm-lhe transtornado de tal arte a cabeça, que ella já se

esqueceu até de que é mãi, e, emquanto corre atraz de chimeras, como uma verdadeira leôa, fica o innocente fructo de suas entranhas confiado aos caprichos de uma ama mercenaria. A senhora Leonarda começa tambem agora a pagar este tributo e anima a filha em todos os desvarios, dizendo-lhe constantemente "que a Côrte é o paraizo dos que têm dinheiro." Ignacinha suspirava pela vida da cidade, e o seu casamento comigo não foi mais que um meio para realizar tão almejado fim.

MIGUEL

Então, meu amigo, coração á larga e resignação. Onde está o teu filhinho?

LUIZ (*indicando uma das portas da direita*)

Entre, commendador.

MIGUEL

Imagino que ha de ser um rapagão sacudido e desempenado (*sahem os dous pela direita*).

Scena XII

FELISBERTA E DEPOIS SANTA RITA

FELISBERTA (*sahindo de uma das portas da esquerda e examinando a sala*)

Como está esta sala! Ha tres dias que não vê vassoura. Tambem se hão de tomar conta da casa, andam por ahi a correr cochia! Lá se avenham; sua alma, sua palma (*arruma os trastes*).

SANTA RITA (*apparecendo na porta do fundo*)

Scio? scio?

FELISBERTA (*assustando-se*)

Quem é?

SANTA RITA

Sou eu, o Gostoso. A velha não está ahi?

FELISBERTA

Arre lá, que susto que você me fez.

SANTA RITA (*entrando*)

Minha Felisbertasinha!

FELISBERTA

Vá-se embora, sinhá não tarda. Ella já correu com você d'aqui. Si ella lhe apanha, Santa Rita!

SANTA RITA

Que me importa? Estou disposto a tudo; não duvido até arriscar o lombo, que é o que tenho de mais caro, para estar dous minutos junto de você. O tal seu Luiz é uma bôa bisca; prometteu-nos arranjar o casamento, e no entretanto nem sequer soube dizer á velha, no dia em que ella poz-me fóra de casa: — Deixe este pobre diabo, elle não faz mal a ninguem. Que sarilho feio houve n'aquelle dia, hein, Felisberta?!

FELISBERTA

E' porque você não sabe o que tem havido depois. Sinhá tem-se tornado uma jararaca, e sinhásinha está peior do que uma vibora. Olha, Santa

Rita, quando esta gente menos pensar, fujo de casa.

SANTA RITA

Apoiado; é o que você deve fazer quanto antes. Vamos para a Bahia, e lá passaremos felizes o resto da vida, comendo o louro vatapá e a apimentada muqueca debaixo dos dendeseiros. Iremos juntos á festa do Bomfim e então você verá o Santa Rita Gostoso dos Anjos pondo poeira em tudo, e mettendo inveja á toda aquella gente.

FELISBERTA

E' muito bonita a festa do Bomfim?

SANTA RITA

Você não faz idéa do que é aquillo. Olhe: a igreja fica assim n'um alto, em baixo está Itapagipe, onde nasceu este seu criado, e ao longe vê-se a cidade com aquellas casinhas trepadas umas em cima das outras, que é mesmo um céo aberto! Você entra na sachristia da igreja e vê milagres de alto a baixo! E' impossivel que aquelle santo não seja mesmo da Bahia. A festa dura quinze dias; na minha terra é assim que se festeja. Foguetes ali é matto! Tres dias antes vai toda aquella mulataria e creoulada lavar o templo. Ahi é que se vê obra! Reunem-se todas no largo com potes á cabeça, mólhos de chaves á cintura, ouro a dar com pau nos braços e no pescoço, torço bordado, e o chinellinho só nos calcanhares (*arremedando*) tac, taraque, tac, taraque, adeus, yoyô. Depois entra tudo para a igreja de vassoura em punho, e toca á lavagem. De tarde estende-se a toalha na relva, a viola soluça, e em cada casinha d'aquellas ferve o sapateado.

FELISBERTA

A Bahia é mais bonita que o Rio de Janeiro?

SANTA RITA

Que pergunta! O Rio de Janeiro ainda tem muito que andar para chegar á Bahia. De lá têm sahido os primeiros poetas, os oradores e os defensores da patria. Ali ha gente para tudo.

FELISBERTA

E você porque não foi defender a patria?

SANTA RITA

A prova de que ha gente para tudo, é que eu fiquei para dar os vivas e atacar os foguetes, quando os patricios chegarem. (*ouve-se rodar de carro*)

FELISBERTA

E' sinhá velha; estamos perdidos!

SANTA RITA

O' diabo! Adeus. (*vai sahir pelo fundo*)

FELISBERTA

Não saia por ahi, que vai esbarrar-se com ella. Esconda-se, esconda-se. Meu Deus!

SANTA RITA

Mas, onde?

FELISBERTA

Aqui. (*indica-lhe uma das portas da esquerda, por onde Santa Rita entra*).

Scena XIII

IGNACINHA, LEONARDA E FELISBERTA

LEONARDA

Tambem não sei onde tens esta cabeça.

IGNACINHA

A culpa não é minha; eu levei cartões de visita.

LEONARDA (*a Felisberta*)

Ah! seu diabo, porque não me deu os cartões quando sahi?

FELISBERTA

Eu não posso estar me lembrando de tudo. (*sahe*)

Scena XIV

IGNACINHA E LEONARDA

LEONARDA

E eu que desejava mostrar este vestido áquella sirigaita.

IGNACINHA

Podiamos ter ido dar um passeio á rua do Ouvidor. Não sei para que sahimos de casa.

LEONARDA

E' sempre assim; quando se está bem vestida... (*dirige-se ao espelho*). Não achas que estes fôfos estão muito pequenos?

Scena XV

AS MESMAS, MIGUEL, FORTUNATO E LUIZ

MIGUEL

Pois já voltaram?!

LEONARDA

Não encontramos em casa a pessoa que procuravamos.

FORTUNATO (*para Miguel*)

E' uma criança muito engraçadinha. Já diz—vovô! Tambem não admira. O defunto meu pai contava que quando eu nasci .. Foi em mil oitocentos e.... Ora, deixe-me fazer o calculo: eu estou com cincoenta e tantos annos...

LEONARDA

O senhor já mandou preparar o chá? Era melhor que se occupasse com a casa, em vez de andar massando a humanidade com historias que nunca se acabam.

MIGUEL (*para Ignacinha*)

Acabo de vêr o seu menino.

IGNACINHA

Ah!

MIGUEL

Está muito espertinho.

LEONARDA

Não sahio por certo ao pai, e muito menos ao avô, que são os dous maiores pastranas que conheço.

LUIZ

Repare, senhora, que estamos diante de um amigo á quem preso.

LEONARDA

A minha linguagem foi sempre esta. O senhor sabe perfeitamente que eu nunca tive papas na lingua. Além disso estou em minha casa, e posso dizer o que bem me parecer.

FORTUNATO (*recordando-se da data*).

Ah! foi em mil e oitocentos e dezeseis.

LEONARDA

Pois o senhor ainda está ahi?

FORTUNATO

O' senhora, isto não vai a matar; já vou. (*sahe*)

Scena XVI

MIGUEL, LEONARDA, IGNACINHA E LUIZ

LUIZ (*para Ignacinha*)

O nosso filho está chorando desde que sahiste.

IGNACINHA

O senhor tirou-me da casa de meus pais para tornar-me ama de leite?

LUIZ

E' que a ama não está em casa.

LEONARDA

Onde se metteu aquelle demonio?

LUIZ

Senhora, estas expressões....

IGNACINHA

Eu não hei de passar a minha mocidade mettida em casa, como uma brucha. Si foi para encerrar-me como uma freira, que casou comigo, fique sabendo que não me sujeito ás suas imposições.

LUIZ

Tenho-lhe eu feito já por ventura imposições?

LEONARDA

E nem tem esse direito.

LUIZ

Eu não me dirijo á senhora.

LEONARDA

Faz muito bem; porque levaria immediatamente o troco.

IGNACINHA

Eu já sei onde isto vai ter. O senhor começa d'este modo, para cahir depois no thema favorito de todos os dias:—o luxo e o dinheiro que gasto em *toilettes*. Os meus vestidos atacam-lhe os nervos, não é assim? Pois não sabe o prazer que isto me dá. Tem alguma cousa a dizer d'esta cauda, commendador?

MIGUEL

Está irreprehensivel. Si as senhoras pagassem impostos sobre a vaidade, V. Ex.ª já estaria de ha muito titular.

IGNACINHA

Agradeço-lhe a amabilidade.

LUIZ

Não é seu luxo que me ataca os nervos; o que me incommoda é ver a senhora gastar em puerilidades o peculio d'aquelle innocente, a quem temos de educar.

IGNACINHA

O senhor não tem o direito de dizer a mais pequena palavra acerca das minhas despesas.

LUIZ

Basta; já sei.

IGNACINHA

Não; já que me provocou para este terreno, ha de ouvir tudo. O senhor touxe alguma cousa para o prato? Antes de se casar comigo era um pinga, e não tinha onde cahir morto.

LEONARDA

Veio lambusar a nossa familia.

LUIZ (*com força*)

Senhora, a paciencia tem limites.

IGNACINHA

Gasto do que é meu. Não pense que ha de fazer figura depois da minha morte á custa da fortuna que herdar. Não me chame eu Ignacinha Arruda, si deixar-lhe um só real.

MIGUEL

Ora pois, deixem-se de desavenças.

Scena XVII

OS MESMOS E FORTUNATO (*que entra e diz um segredo ao ouvido de Leonarda*).

LEONARDA

Eu vou já ensinar áquella cachorra.

FORTUNATO

Venha cá, senhora.

LEONARDA

Deixe-me (*sahe*).

LUIZ

Está bom, senhora, em nome da resignação com que a aturo, vá vêr seu filho, que está chorando.

IGNACINHA

Desculpe-me, commendador (*lança um olhar feroz para Luiz e sahe*).

Scena XVIII

FORTUNATO, LUIZ, MIGUEL E DEPOIS FELISBERTA

LUIZ

E então, commendador?

MIGUEL

E' horrivel, meu amigo, horrivel!

FELISBERTA (*chorando d'entro*)

Não me dê, que eu grito.

LUIZ

O que é isto?

FELISBERTA (*entra chorando*)

Sinhá velha está hoje com o diabo no corpo, e por uma cousa atôa cahio de bordôada em cima da gente.

LUIZ

Passe para d'entro.

FELISBERTA (*chorando*)

Que culpa tenho eu que ella não deixasse dinheiro para o chá? Eu já não posso aturar esta casa.

LUIZ

Atrevida!

FELISBERTA

Tambem Vmc. se revolta contra mim? Não sei de que serve eu ter mamado o mesmo leite que sinhasinha, para ser desfeiteada d'este modo.

FORTUNATO

Está bom, filha, isto não vai a matar; passa para d'entro.

FELISBERTA

Não vou: eu hei de fazer hoje aqui uma estralada dos mil diabos.

LUIZ (*baixo a Miguel*)

Vamos para dentro, commendador; ella em parte tem razão, e eu não quero desmoralisar-me mais do que estou.

FORTUNATO

Entremos; porque no fim de contas sempre ha de se encontrar alguma cousa que se coma (*sahem, menos Felisberta*).

Scena XIX

FELISBERTA E SANTA RITA

SANTA RITA (*espiando*)

Já se foram?

FELISBERTA

Santa Rita, você n'este momento é a minha providencia. Quer fugir comigo?

SANTA RITA

Homem, isto assim ás pressas... Você bem vê .. quando a gente não está prevenida...

FELISBERTA

Eu já sabia que o seu amor não passava de uma capadoçagem. Mas eu terei coragem bastante para sahir sosinha, e procurar trabalho em qualquer parte

SANTA RITA

E' que eu ando meio baldo ao naipe, Felisberta. Ficaram de me arranjar um logar no corpo de urbanos, e si você podesse adiar isto para mais tarde....

FELISBERTA

Estou resolvida a não ficar um só minuto aqui.

SANTA RITA

Pois então, filha, fujamos. Mas para onde ?

FELISBERTA

Para qualquer logar.

SANTA RITA

Vamos racciocinar a sangue frio. Eu móro n'um cortiço na rua da Relação. E' um quarto, onde mal cabe a minha cama, furado no tecto e devassado pelos lados por toda a visinhança.

FELISBERTA

Não ha tempo a perder, quer ou não quer?

SANTA RTA

Si você sujeita-se a todas as consequencias, vamos embora.

FELISBERTA

Vamos (*vão a sahir*). Sinto uns tremores pelas pernas....

SANTA RITA

Partamos (*sahem correndo*).

Scena XX

LUIZ E IGNACINHA

IGNACINHA

E o senhor a justificou? Sabe por ventura os desaforos que ella disse á minha mãi?

LUIZ

Não podiam ser maiores que aquelles que a senhora me atirou ha pouco em presença de um amigo a quem trato com todo o respeito.

IGNACINHA

Ainda foram poucos. Continuo a sustentar que o senhor era um pinga, e que não tem o direito.... (*gesticulando perto do rosto de Luiz*).

LUIZ

Chegue-se para lá, senhora; não me faça perder-lhe o respeito.

IGNACINHA

O senhor ameaça-me? Quero vêr isso, vamos lá.

LUIZ

Não me tentes Ignacinha.

IGNACINHA

Eu o despreso, porque o senhor é um covarde.

LUIZ (*avançando*)

Senhora!....

IGNACINHA (*correndo e gritando*)

Ai! ai! ai!

Scena XXI

OS MESMOS, FORTUNATO, LEONARDA E MIGUEL

LEONARDA (*gritando*)

O que isto? Minha filha!

IGNACINHA (*apontando para Luiz*)

Aquelle monstro é um miseravel. (*cahe no sofá*).

MIGUEL (*baixo a Luiz*)

O que fizeste, Luiz?

LEONARDA

Retire-se de minha casa, senhor. O homem que ousa levantar a mão para sua mulher, é um infame. Saia que eu já não o vejo.

LUIZ

Eu juro pela minha honra, que não levantei a mão para essa mulher; appello para a sua consciencia.

FORTUNATO

Então fica o dito por nao dito. Façam as pazes e isto não vai a matar.

LEONARDA

Isto não vai a matar?! O senhor, que devera ser o primeiro a defender sua filha, não sente neste momento um impeto de indignação contra aquelle que acaba tão vilmente de injurial-a! Já que não tem rubor n'essas faces, é preciso que eu.... (*avança para Fortunato, Miguel põe-se de permeio*).

MIGUEL

E' demais, minha senhora.

LEONARDA

Vamos embora, minha filha: aquelle malvado ha-de ter do céo o castigo que merece. (*sahe juntamente com Ignacinha*).

Scena XXII.

MIGUEL FORTUNATO E LUIZ

FORTUNATO

Si o senhor não se mette no meio, eu levava um tapaolho tão certo, como tres e dous são cinco.

LUIZ

E' duro attribuirem-me agora o papel de algoz, quando não passo de uma victima resignada e sof-

fredora. A taça transborda, e é preciso que findem as torturas em que vivo.

MIGUEL

O que vais fazer?

LUIZ

Fugir para bem longe d'aqui. Sahirei de cabeça erguida com meu filho nos braços, e terei a coragem necessaria para arrostar os commentarios do mundo.

MIGUEL

Loucura, meu caro amigo *(para Luiz e Fortunato)*. Querem um remedio prompto e efficaz para sustar os effeitos da febre, que por aqui vai?

FORTUNATO

Acceito-o como pão para a boca.

MIGUEL

Pois bem: sente se ali e escreva.

FORTUNATO *(sentando-se e escrevendo)*

Estou tremendo como varas verdes, ainda não me sahio da cabeça o tapaolho de que escapei.

MIGUEL

Escreva lá: " Os abaixo assignados, não podendo por mais tempo tolerar o estado degradante em que vivem nesta casa....

FORTUNATO

O' commendador, isto não é muito forte?

MIGUEL

.....tomaram de commum acôrdo a resolução de abandonal-a.....

FORTUNATO

Nada, isto não faço eu,

MIGUEL

Ouça o resto, e faça depois os seus commentarios ..... " e vão atirar-se no seio das orgias.....

FORTUNATO

O r, or, j, i.... E' com j ou com g que se escreve isto?

MIGUEL

Escreva como quizer..... "já que a posição de homens de bem, que têm sabido sustentar até aqui, não lhes garante a tranquilidade e a consideração a que têm direito, como dignos chefes de familia. " Date e assigne.

FORTUNATO

Lá isso de assignar, temos conversado. O que conseguiriamos com mais este escandalo?

MIGUEL

Eu lhe explico: Os senhores não se vão atirar no seio das orgias, como resa a carta, longe de mim um tal conselho; fugindo, porém, de casa por algum tempo e fazendo constar ás suas mulheres que estão na vida desregrada, ferem-lhes o amor proprio, dão assim uma prova de que sabem reagir com coragem contra o despotismo que os escravisa,

e obrigam essas creaturas a regenerarem-se, assignando dentro em breve um tractado de paz, que será a garantia da felicidade futura.

LUIZ

O naufrago no estado de desespero abraça-se á primeira taboa que encontra. Acceito a sua idéa, commendador.

FORTUNATO

Oxalá que não se volte o feitiço contra o feiticeiro.

MIGUEL

Fique descançado; assignem a carta. *(para Luiz e Fortunato)*.

FORTUNATO

Eu saio de casa, mas sob condição de ser homem de bem, como tenho sido até aqui.

MIGUEL

E' justamente o que eu quero. *(Luiz e Fortunato assignam a carta e deixam-a em cima da mesa)*.

LUIZ *(para Fortunato)*

Saiamos, senhor.

FORTUNATO

Uma vez que é para nosso bem, partamos. *(sahem todos pelo fundo)*.

Scena XXIII

LEONARDA E IGNACINHA

LEONARDA *(entrando pela direita)*

Felisberta? Felisberta?

IGNACINHA *(entrando apoz)*

Na cozinha não está, mamãi.

LEONARDA

A maldita fugio! Eu já antevia isto. Onde está aquelle monstro?

IGNACINHA *(deparando com a carta em cima da mesa)*

Aqui está uma carta para nós.

LEONARDA

Lê.

IGNACINHA *(abrindo a carta e lendo)*

Ai! *(cahe desmaiada)*

LEONARDA *(tomando a carta)*

O que é isto? *(lê: pequena pausa)* Fugiram com a mulata!

IGNACINHA *(acordando do desmaio)*

Vingança!

LEONARDA *(abysmada)*

Fugiram com a mulata!!

(Cahe o panno)

ACTO III

O theatro representa o salão do theatro Lyrico. E' noite. Diversos individuos, a maior parte mascarados, percorrem a scena.

Scena I

BARÃO DA COVA DA ONÇA E LUIZ

LUIZ (*vestido com um dominó e disfarçando a voz*)

Excellentissimo, a sua cozinha deve estar completamente despovoada.

BARÃO

Parece que o meu baronato está lhe incommodando muito! Pois faça o mesmo. E' preciso que cada cidadão pague, como póde, o tributo á patria. Uns derramam o sangue em sua defesa, outros dão planos de campanha pelas esquinas, e os mais sensatos, como eu, alcançam um titulo que os eno-

brece do dia para a noite, mandando para a guerra alguns representantes do elemento servil.

LUIZ

Que franqueza, meu caro commendador... Desculpe-me.... senhor barão....

BARÃO

Da Cova da Onça, si me faz favor, e com grandeza. Mas quem é o senhor ou a senhora, que está a incommodar-me d'esde o principio da noite?

LUIZ

Pois ainda não me conheceu ?

BARÃO

E' bôa! Como quer que o conheça, debaixo de uma mascara e com esta voz de apito!

LUIZ (*tirando a mascara cautelosamente*)
Olhe.

BARÃO

Luiz! O que vieste aqui fazer?

LUIZ

Ora que perguntá, meu amigo! Não contrahi para comigo o compromisso de atirar-me no seio dos prazeres, já que a vida de chefe de familia exemplar não me garantia a paz e a tranquilidade a que tinha direito?!

BARÃO

Não foi este o pacto que fizemos. Ha tres dias, Luiz, que não me appareces em casa, e a sociedade começa já a murmurar contra teu procedimento.

LUIZ

Que me importa a sociedade? Não passo eu aos olhos do mundo, como um algoz, quando tenho sido até aqui um verdadeiro martyr? E' preciso tirar a minha desforra, gosando das regalias do papel que me querem attribuir.

BARÃO

Imprudente que fui! Eu devia prever este desfecho; mas o que eu não previa era que teu sogro, o typo da circumspecção e da sisudez, se lançasse tambem de corpo e alma n'esse labyrintho, que é o inferno das algibeiras e a morte do coração.

LUIZ

Não creio.

BARÃO

E' infelizmente a verdade. Ha dias que o não vejo....

LUIZ

Está sem duvida empenhado em uma botica, n'alguma partida complicada de gamão.

BARÃO

Hontem foi encontrado no Rocambole, ceiando com duas estrellas parisienses.

LUIZ (*rindo-se*)

E' engraçado! Eu dava a parte, que me ha de tocar no Paraiso, para ver o senhor Fortunato Arruda n'esses apuros. (*arremedando-o*) Senhora, isto não vai a matar. (*ri-se ás gargalhadas*).

BARÃO

Escuta, Luiz.

LUIZ

Estamos em um baile mascarado, barão. (*ouve-se tocar uma quadrilha*). A quadrilha me chama, e um lindo tity, vaporoso como uma Walkiria, espera-me lá em baixo. (*põe a mascara*) Adeus! (*sahem os dous*)

Scena II.

SANTA RITA, FELISBERTA E TRES CHICARDS

1.° CHICARD

E' um *princez*!

2.° CHICARD

Desgarrou-se sem duvida de algum Zé-Pereira. Diga-nos alguma cousa de espirito. (*com voz fina*) Você me conhece?

SANTA RITA (*vestido de principe, dando o braço á Felisberta vestida de pastora*)

Os senhores não me façam subir a mostarda ao nariz.

2.° CHICARD

Vejam aquelle porte! Quem não dirá que está ali um carroceiro?

1.° CHICARD

E' pena que não esteja vestido de capim.

SANTA RITA

N'essa não cahia eu: os senhores comiam-me o vestuario. (*Riem-se os tres ás gargalhadas*).

3.° CHICARD

Meus senhores: facto nunca visto nos annaes do carnaval—um *princez* com espirito!!

2.° CHICARD (*dando uma encapellação em Santa Rita*)

Eu te saúdo!

SANTA RITA

Olhe, que os senhores não sabem com quem se mettem.

FELISBERTA

Vamos embora.

1.° CHICARD (*segurando no rosto de Felisberta*)

Gentil pastora!

SANTA RITÁ

Arrede-se para lá; não me toque na fasenda. Olhe, que isto aqui não é *mungugú*, hein?

2.° CHICARD (*olhando para outro mascarado que passa*)

Lá está outro. A' elle, rapasiada. (*sahem os tres chicards e atropellam o individuo, depois do que retiram-se da scena*).

Scena III

SANTA RITA E FELISBERTA

SANTA RITA

Eu bem te dizia que não deviamos sahir do Pavilhão.

FELISBERTA

Tambem não sei porque todo o mundo ha de implicar comnosco.

SANTA RITA

Não é por causa do vestuario; foi o que encontrei de mais rico no Guedes. Si eu me apanho comtigo agora na Bahia..... Que vistão, hein, Felisberta?!...

FELISBERTA

Qual vistão, nem pera vistão! Eu creio que estamos representando um papel muito ridiculo.

SANTA RITA

Felisberta, um bahiano não representa papel ridiculo em parte alguma.

FELISBERTA

Ainda não podeste conhecer quem é aquelle sujeito de nariz de papelão, que anda atraz de mim?

SANTA RITA

Si eu o pilho, arrumo-lhe tamanho trompasio...

FELISBERTA

Para que, coitado! Elle quiz pagar-me o sorvete....

SANTA RITA

Ah! elle quiz pagar-te o sorvete?! Felisberta, olha que eu sou filho de Itapagipe, e estive na revolução da Sabinada.

FELISBERTA

Pois o que tem que elle pagasse-me o sorvete?

SANTA RITA

No dia em que me constar que tu tomaste um sorvete á custa de outra pessoa, retiro-te a minha protecção.

FELISBERA

Fresca protecção! levo o dia inteiro a coser para sustental-o e o senhor a tocar viola e a cantar modinhas.

SANTA RITA

Tenho eu por ventura a culpa de não me terem dado ainda o logar que me prometteram no corpo de urbanos? Quando chegar esse dia, serás tratada como uma princeza.

FELISBERTA

Veremos.

SANTA RITA

Has de andar no trinque, mettendo inveja á todas essas sirigaitas, que não te chegam aos calcanhares.

FELISBERTA

Isso é lingua só. Tirou-me de casa dizendo-me que havia de casar....

SANTA RITA

Filha, eu não te tirei de casa, nem te disse cousa alguma; tu é que sahiste de lá com teus proprios pés. Si ha alguem seduzido, sou eu.

Scena IV

OS MESMOS E FORTUNATO (*que entra vestido de pierrot, com um nariz de papelão e barbas postiças*).

SANTA RITA

Eis o *bilter* outra vez comnosco; vamos embora

FELISBERTA (*baixo a Santa Rita*)

Como elle me olha.

FORTUNATO (*aparte*)

A tal pastorinha está me transtornando a cabeça. (*Dirige-se á Felisberta.*)

SANTA RITA

O que é isso lá, meu amigo? Você para cá vem de carrinho. Si pensa que todos nós somos uns, está muito mal enganado.

FORTUNATO (*aparte*)

Eu conheço esta voz,

SANTA RITA

Vamos, que se fico aqui mais dous minutos, não respondo depois por mim (*sahe juntamente com Felisberta*).

Scena V

FORTUNATO E DEPOIS LUIZ

FORTUNATO

Aquella voz não me é desconhecida. Irra! já não posso com o maldito calor (*tira as barbas e o nariz no momento em que Luiz aproxima-se e vê-lhe o rosto*).

LUIZ (*aparte*)

Olé! o senhor meu sogro!!

FORTUNATO (*pondo de novo as barbas e o nariz, aparte*)

Um dominó! Que olhos que me deita! Querem ver que é uma mulher? Experimentemos (*alto*). Interessante mascara, quereis conceder-me a honra de dar-me o vosso braço?

LUIZ (*com voz fina*)

Não sei si devo... Os homens são tão imprudentes....

FORTUNATO (*aparte*)

Não ha duvida, é mulher (*alto*). Depositai em mim toda a confiança, eu sou um cavalheiro.

LUIZ (*com voz fina*)

Todos os senhores dizem sempre a mesma cousa,mas depois... Nós mulheres somos tão fracas...

FORTUNATO (*aparte*)

E' um anjo de candura! (*alto*) Vinde comigo, formosa menina.

LUIZ (*com voz fina*)

Como é que o senhor sabe que eu sou formosa?

FORTUNATO

O meu coração o diz; deveis ser muito bella e encantadora.

LUIZ (*aparte*)

Que tratante! Quem te viu e quem te vê!

FORTUNATO

Esta voz angelica e harmoniosa está trahindo um lindo rosto. Ha pouco lá em baixo eu vos seguia. Ora, eu não tenho por habito andar seguindo as mulheres, porque no fim de contas, quando menos se espera, lá se encontra um mal criado, como já aconteceu a um amigo meu, que andou em papos de aranha! Mas foi bem feito: quem o mandou se metter a abelhudo! Eu faço estas cousas, mas com certa cautella.

LUIZ (*com voz fina*)

Ha duas horas tambem que o sigo.

FORTUNATO

Será possivel?! O que fiz eu para ser tão feliz?!

LUIZ (*com voz fina*)

Ha um que no senhor que me agrada. Debaixo d'este disfarce occulta-se necessariamente um homem elegante.

FORTUNATO

Que tem um coração cheio de vida, e que o deposita a vossos pés. Deixai-me abraçar esta cintura delicada,(*Luiz esquiva-se*) consenti, ao menos, que eu beije esta linda mão. (*Fortunato beija a mão de Luiz, e durante esta scena este tira a mascara*) Pois era o senhor?! (*Luiz ri-se ás gargalhadas*) Devia se lembrar de que sou quasi seu pai. (*Luiz continua a rir-se*) Basta, senhor.

LUIZ

Tem razão, meu sogro, (*rindo-se ás gargalhadas*) isto não vai a matar.

FORTUNATO

Pois convença-se que eu já sabia que era o senhor. Preparei muito de proposito esta scena para ver até onde chegava o seu...

LUIZ

Cynismo, talvez? Senhor Fortunato, eu estou sem mascara, e o senhor traz um nariz de papellão. Tire o nariz e deixe-se de hypocrisias. Seja franco: confesse que temos ido além do papel que deveramos representar.

FORTUNATO

Não confesso cousa alguma, senhor; porque tenho sido homem de bem até hoje.

LUIZ

Justamente como eu. Ha uma differença, porém, entre nós: eu tenho me atirado, durante esses quinze dias, no seio dos praseres, porque n'elle encontro o esquecimento das dores que me torturam a alma; o senhor deixou-se fascinar pela liberdade, a que não estava habituado, á semelhança do passaro que tolhido no vôo pelos arames da gaiola, vê-se de repente na immensidade do espaço, vôa, vôa com sofreguidão, sem medir o abysmo, que se lhe abre debaixo dos pés.

FORTUNATO

Ora esta! Mas que diabo de abysmo tenho eu debaixo dos pés?

LUIZ

A sua reputação periga, e quando um dia quizer revendical-a, será tarde.

Scena VI.

OS MESMOS, IGNACINHA E LEONARDA (*vestidas de dominó*)

LEONARDA (*baixo á Ignacinha*)

São elles.

IGNACINHA (*baixo*)

Vmc. está bem certa d'isso?

LEONARDA (*baixo*)

O que está de dominó é teu marido, e o outro é aquelle velho sem vergonha, que ha de pagar-me a affronta com lingua de palmo.

FORTUNATO (*baixo á Luiz*)

Conheces aquelles dominós? D'esde o principio do baile, que me seguem.

LUIZ (*que tem posto a mascara, logo que entram Leonarda e Ignacinha*)

Mais uma conquista.

FORTUNATO

Creio que sim. Decididamente estou em maré de felicidades. Olha, quando ha pouco chegaste, não viste aqui uma pastorinha?

LUIZ

Não reparei.

FORTUNATO

Estou perplexo entre a tal pastora e aquelles dous dominós. (*Ignacinha e Leonarda atravessam a scena, olhando para Fortunato e Luiz*).

LEONARDA (*á Ignacinha, baixo*)

Eu tenho toda a certesa, de que elles nos seguem

IGNACINHA (*baixo*)

Que monstro!

FORTUNATO (*á parte*)

Eu vou seguil-a (*vai a sahir*).

LUIZ

Onde vai?

FORTUNATO

Deixa-me (*vai a sahir atraz de Leonarda e Ignacinha que retiram-se, no momento em que avista Felisberta sozinha. Luiz sahe pelo fundo*).

Scena VII.

FELISBERTA E FORTUNATO

FORTUNATO (*á parte*)

A pastora sosinha! (*dirigindo-se á Felisberta*) Feiticeira menina, não quereis aceitar o meu braço?

FELISBERTA (*á parte*)

Eu conheço esta voz! (*reparando em Fortunato*) E' celebre!

FORTUNATO

Não tendes medo de andar sosinha n'estes salões?

FELISBERTA

Medo de que?

FORTUNATO (*á parte*)

E' singular! Eu já ouvi esta falla, não sei onde. (*procura examinar Felisberta por baixo da mascara: alto*) Onde está o vosso gentil cavalheiro?

FELISBERTA

Perdi-me d'elle lá em baixo no meio do povo.

FORTUNATO

Vamos procural-o.

FELISBERTA

Não, senhor; eu ando bem sosinha.

FORTUNATO

Vinde ao menos tomar um sorvete.

FELISBERTA

O senhor paga o sorvete?

FORTUNATO

Pago, sim.

FELISBERTA (*dando-lhe o braço*)

Então, vamos já, antes que elle appareça.

FORTUNATO (*à parte*)

Que candura! (*sahe com Felisberta*).

Scena VIII

OS TRES CHICARDS E DEPOIS SANTA RITA

1.° CHICARD

Vivam os estudantes de Heydelberg!

TODOS

Vivam!

2.° CHICARD

Procura-se um mascara d'espirito.

3.° CHICARD

Dá-se uma garrafa do mais fino *clicot* a quem apresentar um *princez*. (*Entra Santa Rita com ares de quem procura alguem*).

1.° CHICARD

Cá está o princez! Venha o *clicot*. (*Dá uma encapellação em Santa Rita*).

SANTA RITA

Os senhores não me percam. Olhe, quem lhes avisa seu amigo é.

2.° CHICARD

Mais consideração para o homem de sangue azul, respeitem a espada de pau e a capa de belbutina.

SANTA RITA (*olhando em redor, como quem procura alguem*)

Os senhores não viram por aqui uma pastora de vestido encarnado?

3.° CHICARD

Bateu a linda plumagem. As pastoras dão-se mais com a democracia.

SANTA RITA

Falle serio, senhor; eu não sei onde tenho a cabeça.

2.° CHICARD

Lá se vai a dymnastia. (*Santa Rita quer sahir*).

1.° CHICARD

Antes de sahir d'aqui ha de dar-nos um ar de sua graça. Diga-nos alguma cousa de espirito, como ha pouco.

SANTA RITA

Deixem-me passar.

2° CHICARD (*arrumando-lhe uma encapellação*)

Está furioso! (*Santa Rita sahe acompanhado pelos chicards que riem-se ás gargalhadas*)

Scena IX

BARÃO DA COVA DA ONÇA E IGNACINHA

IGNACINHA (*com voz fina*)

Eu o conheço como as palmas de minhas mãos.

BARÃO

Póde ser, minha senhora; eu é que não tenho esta honra.

IGNACINHA (*com voz fina*)

Engana-se, senhor barão, as nossas relações datam de ha muito. Eu já sabia que havia de encontral-o aqui; ha dias que acompanho todos os seus passos.

BARÃO

Deveras? Como sou feliz!

IGNACINHA (*com voz fina*)

Vi-o do meu camarote, e tomei este disfarce para melhor seguil-o.

BARÃO

Uma aventura romantica! Bemdigo a feliz inspiração, que me trouxe a este logar.

IGNACINHA (*com voz fina*)

Não se trata de sua pessoa. Vossa Excellencia não sabe com quem está fallando.

BARÃO

Certamente, minha senhora; mas creio que não a offendi.

IGNACINHA (*com voz fina*)

Vossa Exellencia é um cavalheiro...

BARÃO

Tenho-me n'esta conta.

IGNACINHA (*com voz fina*)

Poderá dizer-me quem é aquelle dominó, com quem andava ha pouco?

BARÃO (*á parte*)

E esta! a sugeitinha não quer fazer-me depau de cabelleira!

IGNACINHA (*com voz fina*)

Já vejo que fui indiscreta.

BARÃO

Aquelle dominó, minha senhora, é...

IGNACINHA (*com voz fina*)

Sei que é um moço elegante, que anda fugido da mulher ha quinze dias, que é rico como um Creso e que gasta como um lord.

BARÃO

Calumnias, minha senhora. O mundo está cheio de más linguas!

IGNACINHA (*com voz fina*)

Eu o adoro.

BARÃO

Deveras?! Pois nada mais facil, dirija-se a elle, e faça-lhe a declaração. (*aparte*) Não ha duvida, estou servindo de pau de cabelleira.

Scena X.

OS MESMOS E SANTA RITA (*que entra olhando para os lados, como quem procura alguem*)

SANTA RITA

O senhor não viu por aqui uma pastora de vestido encarnado? (*aparte*) O commendador!

BARÃO

Não, senhor. (*Santa Rita sahe olhando para os lados*)

Scena XI

BARÃO E IGNACINHA

IGNACINHA (*com voz fina*)

Como deve ser feliz a pessoa que fôr amada por elle.

BARÃO (*á parte*)

E esta!

IGNACINHA (*com voz fina*)

Onde mora este homem, senhor Barão? Diga-me em nome de tudo o que tem de mais caro.

BARÃO

Não sei, minha senhora.

IGNACINHA (*com voz fina*)

E' impossivel, VEx.ª é intimo delle.

BARÃO

Este homem é um pai de familia; commetteu, é verdade, na opinião dos que não o conhecem, a leviandade de abandonar sua mulher, e eu, como seu amigo dedicado, jámais consentirei que elle deshonre o seu nome, entregando-se a um amor criminoso.

IGNACINHA (*á parte*)

E' elle mesmo.

BARÃO

O que me pede, portanto, é impossivel.

IGNACINHA (*com voz fina*)

Não poderá dizer-me, ao menos, quem é um pierrot que o acompanha?

BARÃO

Que sarna! (*alto*). Pois elle anda com um pierrot?

IGNACINHA (*com voz fina*)

Ora o senhor faz-se de mais innocente do que na realidade é.

BARÃO

Minha senhora, a minha idade e a minha posição não toleram o papel, que quer obrigar-me a representar. A senhora encontrou-me lá em baixo, pedio-me o braço, e quando eu pensava que vinha lisongear-me o amor proprio, accedendo aos galanteios, que comecei a dirigir-lhe, falla-me ex abrupto de um terceiro, e quer reduzir-me á posição de correio d'amores.

IGNACINHA (*com voz fina*)

Estou o desconhecendo, Sr. barão ,V. Ex.ª está muito susceptivel.

BARÃO

Nada mais tem a dizer-me, minha senhora?

Scena XII

OS MESMOS E SANTA RITA

SANTA RITA

O senhor não viu passar por aqui uma pastora de vestido encarnado?

BARÃO

Já lhe disse que não. Irra!

SANTA RITA

Está bom; não é preciso zangar-se (*sahe olhando para os lados*).

Scena XIII

BARÃO E IGNACINHA

IGNACINHA

Já que V. Ex.ª não quer prestar-me este serviço, hei de encontrar alguem, que me approxime de seu amigo.

BARÃO

Assevero-lhe que não o conseguirá, emquanto elle ouvir os meus conselhos.

IGNACINHA

E V. Ex.ª é um optimo conselheiro.

Scena XIV

OS MESMOS, LUIZ E LEONARDA.

LUIZ (*dando o braço á Leonarda*)

Espero que seja mais feliz do que eu, Barão. Ha

dez minutos, seguramente, que passeio com esta menina, encantadora talvez, mas ainda não pude saber qual o timbre de sua voz.

BARÃO (*para Ignacinha*)

O que tem, minha senhora? Está tremendo!

LEONARDA (*á parte*)

Estou com impetos de arrumar-lhe um bofetão.

LUIZ (*para Leonarda*)

Vamos lá, diga alguma cousa. Que tal acha o baile? Decididamente não é uma mulher, é uma estatua!

BARÃO (*para Ignacinha*)

Não trema, minha senhora.

LUIZ (*para o barão*)

Pelo que vejo o seu par tambem é mudo?

BARÃO

E' uma creatura romantica; consome-se nas chammas de um amor impossivel, e perdeu a falla diante do objecto amado.

LUIZ

Bravo, barão, dou-lhe os meu parabens. (*para Leonarda*) Mas a senhora está deveras resolvida a não dizer-me nada?

BARÃO (*baixo á Ignacinha*)

O seu amor é uma loucura, minha senhora; esqueça-se disto.

LUIZ

Estou na realidade representando um papel interessante! Conte-me lá esta aventura, barão.

BARÃO

Imagina que esta senhora, a quem não tenho a honra de conhecer, pedio-me o braço....

LUIZ

Foi justamente o que me aconteceu; mas creia que eu me considero neste momento o ente mais feliz do mundo. Tenho plena certeza que sob esta mascara se occulta um rosto de anjo.

BARÃO

E eu nutro a convicção de que serias mais feliz si estivesses no meu logar.

LUIZ

Devéras?

BARÃO

Figura-te que esta senhora arde de amores por ti, que se interessa extraordinariamente por tua pessoa, e que deseja saber tua morada.

LUIZ

Falle mais baixo, Barão; eu não desejo provocar ciumes desta linda dama, que com tanto afã se obstina em envolver-se nas trevas do mysterio.

BARÃO

Não ha receio, os amores de carnaval raras vezes acarretam duellos.

Scena XV.

BARÃO, IGNACINHA, LUIZ, LEONARDA, FORTUNATO E FELISBERTA.

FELISBERTA (*pelo braço de Fortunato*)

Deixe-me ir embora, senhor; elle póde apparecer e estou perdida.

LUIZ (*para Fortunato*)

Olá.

FORTUNATO (*baixo a Luiz*)

Cala a boca, não convém que o barão me conheça.

FELISBERTA (*á parte*)

O commendador! (*forceja por sahir do braço de Fortunato, que a retem. Leonarda segura com força no braço de Fortunato, deixando o de Luiz*).

LUIZ

Temos outra aventura?

LEONARDA (*tirando a mascara, depois de ter arrancado o nariz e as barbas de Fortunato*)

Sim, uma aventura com que não contavam.

FORTUNATO

Jesus, Padre, Filho, Espirito Santo.

IGNACINHA (*tirando a mascara de Luiz e segurando-lhe no braço*)

Conheces-me, monstro? (*tira a mascara*)

BARÃO (*aparte*)

Que escandalo, Santo Deus!

LEONARDA (*apontando para Felisberta*).

Quem é esta mulher? Quero saber quem é esta mulher.

IGNACINHA (*para Luiz*).

Tu não sahirás mais do meu poder.

LEONARDA (*segurando em Felisberta que tenta fugir*)

Quem é esta mulher, senhor?

FELISBERTA (*á parte*)

Valei-me, Nossa Senhora do Amparo.

LEONARDA

Hei de conhecel-a. (*arranca a mascara de Felisberta*)

IGNACINHA E LEONARDA

Felisberta!!

LEONARDA (*deixando Felisberta*)

Eu suffóco! Ar, quero ar!!

IGNACINHA (*deixando Luiz e indo acudir Leonarda*)

Minha mãi!

LEONARDA

Anda-me tudo á roda. (*Felisberta foge*) Um páu! Eu morro! (*cahe nos braços de Ignacinha, o barão ajuda a leval-a para um banco á direita. Acodem os mascaras que passeam pelo salão e rodeiam Leonarda e Ignacinha: o Barão abre passagem por entre o grupo, e vem ao logar onde se acham Luiz e Fortunato estupefactos*)

BARÃO

Fujam desgraçados e quanto antes, que eu velarei por ellas. (*empurra Fortunato e Luiz, que sahem*).

Scena XVI.

BARÃO E SANTA RITA.

BARÃO

Que escandalo!

SANTA RITA

O senhor não viu por aqui uma pastora de vestido encarnado?

BARÃO

Vá-se embora com tresentos milhões de diabos! (*dirige-se ao lugar em que estão Leonarda e Ignacinha. Santa Rita sahe, olhando para os lados*)

ACTO IV

O theatro representa a mesma scena do segundo acto.

Scena I

LEONARDA E IGNACINHA

LEONARDA *(encostada ao sofá com um lenço atado á cabeça)*

Ai, ai, ai; parece me que estão me arrancando os miolos

IGNACINHA

Socegue, mamãe.

LEONARDA

Posso por ventura ficar tranquilla, quando considero que aquelles dous santarrões acabam de

commetter para comnosco tão negra ingratidão, introduzindo a vergonha e o escandalo no seio de uma familia?!

IGNACINHA

Tem rasão; si eu apanhasse o monstro n'este momento, elle havia de passar commigo um máo quarto d'hora.

LEONARDA

A sêde de vingança que me devora é tamanha que, apertando-lhe o pescoço, obrigando-o a pôr um palmo de lingua de fóra e a morrer como um carneiro, sem dar um gemido, ainda assim eu não a saciaria! Ai, ai, ai.

IGNACINHA

Acalme-se, mamãe.

LEONARDA

O que se deve esperar mais de um velho sem pudor que, unindo-se com um tractante casado apenas ha dous annos, seduz uma cria de casa, e atira-se com ella no seio das orgias?!

IGNACINHA

Uma irmã collaça de sua mulher.

LEONARDA

Quasi sua filha! Uma criança que elle carregou muitas vezes ao collo, e a quem eu dei a liberdade

na pia baptismal. O que se deve esperar d'esses entes perdidos?

IGNACINHA

Parece-me um sonho a scena de hontem.

LEONARDA

Fortunato era o typo da pachorra e da bondade; foi teu marido quem o perdeu, graças aos bons conselhos d'esse improvisado barão, em cuja casa elles se acham acoutados.

IGNACINHA

Nunca pensei que aquelle homem se sujeitasse a representar papel tão infame!

LEONARDA

Ai, ai, ai, minha cabeça.

IGNACINHA

São horas de tomar o remedio. O medico recommendou-lhe o maior repouso possivel e vosmecê está fallando de mais.

LEONARDA

Oh! mas a minha desforra ha de ser tremenda.

IGNACINHA (*indo buscar uma garrafa em cima da mesa, e despejando o remedio n'um calix*)

Tome.

LEONARDA (*bebendo*)

Tira isto d'aqui, está me embrulhando o estomago.

IGNACINHA

Falta só um bocadinho; beba este resto.

LEONARDA (*depois de ter bebido um bocado, com repugnancia*)

Não posso mais, leva.

IGNACINHA (*pondo a garrafa em cima da mesa*)

Para que não vai deitar-se? (*batem palmas*)

LEONARDA

Vê quem é.

IGNACINHA (*indo á porta do fundo*)

E' elle!

LEONARDA (*levantando-se agitada*)

Elle, quem?

IGNACINHA

O Barão.

LEONARDA

Manda-o entrar.

Scena II

AS MESMAS E O BARÃO

BARÃO (*dirigindo-se á Leonarda*)

Bom dia, minha senhora. (*vai apertar a mão de Leonarda, esta volta-lhe a cara; dirigindo-se á Ignacinha*) Como tem passado? (*a mesma scena; á parte*) Estou mettido em bôas. (*alto*) O que aqui me traz, minha senhora, é um dever de bom amigo. (*Leonarda volta-lhe o rosto*) Não sei si fui indiscreto... (*Ignacinha tambem vira-lhe o rosto: a parte*) Que temporal! (*alto*) Ora pois, vinha trazer a paz e a tranquilidade, a este lar e entretanto viram-me a cara, e torcem-me o nariz.

LEONARDA

E' na realidade interessante que o senhor venha aqui apresentar-se como o mensageiro da paz!

BARÃO

E' verdade, esqueci-me do symbolo — o ramo de oliveira.

IGNACINHA

A situação é impropria para gracejos.

BARÃO

Contam que Mahomet resolvera um dia dar um passeio ao céo.

LEONARDA

Senhor, repare que fui muito condescendente, recebendo-o em minha casa, depois das scenas que se acabam de passar.

BARÃO

Peço-lhe licença para acabar a historia. Diversos generos de conducção foram offerecidos ao propheta, que ardia em desejos por vêr a mansão dos justos. Não posso ir no meu burro? perguntou elle ao alado ciceroni, que devia guial-o em tão arriscada viagem. A' resposta negativa d'este, Mahomet abanou a cabeça resignado e disse: Já que não posso ir no meu burro, desisto da empreza.

LEONARDA

Não sei a que vem esta historia.

BARÃO

O ridiculo é o meu burro, minha senhora, habituei-me a viajar n'elle em todas as situações da vida, e não mudo de montaria por principio algum.

LEONARDA

Diz muito bem, senhor barão. O homem que entra com pés de lã no seio de uma familia, e que sob a mascara da amisade occulta a traição, aconselhando a dous maridos que abandonem suas mulheres, e acoutando-os em sua casa, si não é um malvado, é um um ente leviano que não tem consciencia dos actos que pratica.

BARÃO

Vossa Excellencia labora em um grande erro; em primeiro logar nada aconselhei á esses dous maridos; segundo, elles não encontraram em minha casa a protecção que se costuma dar aos criminosos.

IGNACINHA

Quando lá fomos por diversas vezes....

BARÃO

Abri-lhes as portas, e não os encontraram.

LEONARDA

Porque o senhor tinha o cuidado de escondel-os.

BARÃO

Escondel-os! Minhas senhoras, Vossas Excellencias hão de permittir-me que lhes diga— que não conhecem bem seus maridos. Aquelles homens, pacatos e mansos como dous cordeiros, já não são os mesmos que d'antes eram. E' doloroso dizel-o, mas é a verdade. Operou-se n'elles uma transformação subita desde aquella celebre noite, em que foram aqui feridos em sua dignidade. Em vão tentei evitar o mal, quando os vi fugir; o senhor Fortunato, gesticulando como um possesso, e o senhor Luiz de Paiva, rubro de colera, gritavam vingança, depois de terem escripto uma carta, e sahiram desorientados por aquella porta. Sahi tambem atraz d'elles, disposto a lançar mão de todos os meios, para que não proseguissem na carreira que premeditavam. Recebendo-os em casa estava disposto a trazel-os apadrinhados no dia seguinte. Desprezaram, porém, os meus conselhos, e afogando-se na vertigem dos prazeres...

IGNACINHA

Foram dar com os ossos em um baile mascarado.....

LEONARDA

Ao lado d'essa mulata que raptaram. E o senhor,

que tambem foi cumplice em toda essa bandalheira, acha que deve ficar impune uma tal affronta?!

BARÃO *(rindo-se)*

Tocou Vossa Excellencia no ponto a que eu queria chegar. A mulata Felisberta entra n'esse negocio, como Pilatos no Credo.

LEONARDA

Pois o senhor ousa negar aquillo que eu vi com os meus proprios olhos?!

BARÃO

Entendamo-nos, minha senhora, o que foi que Vossa Excellencia viu?

LEONARDA

O que eu vi? Elle que agradeça á sua bôa estrella o ter me faltado o ar n'aquella occasião.

BARÃO

O que Vossa Excellencia viu foi o senhor Fortunato de braço com uma mulher mascarada, que reconheceu-se depois ser Felisberta. Segue-se, porém, d'ahi que foi elle quem a raptou? Quantas vezes em um d'esses bailes não damos o braço a um homem, julgando que nos achamos ao lado de uma mulher encantadora, e mais tarde cahimos das nuvens, reconhecendo o engano em que laboravamos?

LEONARDA

Quem foi então que roubou a mulata?

BARÃO

E porque não acredita antes Vossa Excellencia

que ella tivesse sahido d'esta casa, por seu motu proprio?

LEONARDA

Não creio, Felisberta era uma creatura timida e pacata, e só poderia dar este passo, movida pela seducção.

BARÃO

O senhor Fortunato e o senhor Luiz de Paiva eram tambem duas pombas sem fel; os máus tractos viraram-lhe a cabeça, e hoje são dous tigres de Bengala.

IGNACINHA

O que quer dizer o senhor com isto?

BARÃO

Que Felisberta deu este passo, levada talvez pelo desespero. Emfim, minhas senhoras, quer acreditem-me, quer não, vim de proposito á esta casa para dizer-lhes que o senhor Fortunato e o senhor Luiz de Paiva foram hontem victimas innocentes de uma coincidencia compromettedora, cuja origem atribuem á Vossas Excellencias. Dizem elles ter sido aquillo um meio diabolico de que lançaram mão para apanhal-os com mais facilidade com a boca na botija.

LEONARDA

Tanta innocencia, senhor barão, seria irrisoria, si não causasse nojo.

IGNACINHA

Vamos para d'entro, mamãe.

LEONARDA

Diga á esse velho sem vergonha que nos havemos de encontrar ainda um dia fâce á face (*sahe com Ignacinha*).

Scena III

BARÃO (*só*)

E então? Mas, no fim de contas, eu dou um doce a quem me explicar o apparecimento d'aquella mulata no baile mascarado!

Scena IV

O MESMO E SANTA RITA E FELISBERTA (*que entram timidamente pelo fundo, olhando para os lados*).

SANTA RITA (*deparando com o barão, que deve estar pensando, recua com medo*).

Entra tu primeiro (*esconde-se atraz de Felisberta*)

FELISBERTA

Você é quem deve fallar.

SANTA RITA

Eu, não.

BARÃO (*voltando-se*)

Quem é?

FELISBERTA (*tremendo*)

Sou eu.

SANTA RITA (*tambem tremendo*)

Sim, senhor, somos nós.

BARÃO (*com alegria*)

Ora pois; está descoberta finalmente a chave do enigma!

SANTA RITA

A chave?!

BARÃO

Foi pois você, seu maganão, quem raptou aquella innocente e timida creatura?!

SANTA RITA

Eu, não, senhor; ella foi quem me seduzio. (*Felisberta abaixa os olhos*)

BARÃO (*com alegria*)

Bravo, muito bem! E foram hontem ao baile mascarado....

SANTA RITA

E' verdade: V. S. não se lembra d'aquelle sujeito vestido de rei, que perguntou-lhe...

BARÃO

O senhor não viu por aqui uma pastora de vestido encarnado?....

SANTA RITA

Isso mesmo, sim senhor; era eu.

BARÃO (*rindo-se*)

Magnifico! Magnifico!

SANTA RITA (*baixo á Felisberta*)

Este homem está maluco!

BARÃO (*aparte*)

Posso, emfim, rehabilitar dous palermas perante a familia!

FELISBERTA

Creia Vmc. que eu não fui culpada d'aquelle desaguisado.

BARÃO (*com alegria*)

Eu já volto. Onde está o meu chapéu? (*achando-o*). Ah! (*sahe apressado pelo fundo*).

Scena V

FELISBERTA E SANTA RITA

SANTA RITA

Sabes o que quer dizer aquillo?

FELISBERTA

Não.

SANTA RITA

Pois eu sei, minha cara; vou me pôr ao fresco, e arranja-te lá como puderes. O homem foi chamar as sujeitas, e não dou cinco minutos que ellas não estejam aqui furiosas.

FELISBERTA

Você não ha de sahir,

SANTA RITA

Mas, emfim, que papel represento eu? Gasto dinheiro, levo-te a um baile, e quando menos esperava, deixando-te engodar por um sorvete, dás o braço áquelle *biller*, vindo me dizer depois que era teu amo. Felisberta, eu não engulo araras, o senhor Fortunato foi tanto ao baile mascarado como eu á China.

FELISBERTA

Você sabe, perfeitamente, que eu não poria mais os meus pés aqui, si não fosse aquella embrulhada de hontem.

SANTA RITA

O que eu sei é que tú estás arranjando meios e modos de levar um par de pescoções, iguaes áquelles com que já foste mimoseada.

FELISBERTA

Sinhô velho está innocente, e é preciso que eu o defenda. Imagino o que elle ha de ter soffrido. Além disso si até então a velha não podia me vêr, não sabendo como se deu aquelle facto, seria capaz de estrangular-me a primeira vez que me encontrasse.

SANTA RITA

Lá isso era; vamos embora, Felisberta (*assusta-se*).

FELISBERTA

Quem é?

SANTA RITA (*olhando para os lados*)

Ninguem.

FELISBERTA

Nunca pensei que você fôsse tão poltrão!

SANTA RITA

Eu cá me entendo. Tenho muito amor a este lombo, e meu pai, que Deus haja, não faz um outro Santa Rita.

FELISBERTA

Não era isto o que você me dizia antigamente.

SANTA RITA

Nem tudo o que a gente diz se escreve.

Scena VI

OS MESMOS, LEONARDA E IGNACINHA

LEONARDA (*gritando dentro*)

Ignacinha?

SANTA RITA (*tremendo*)

Valei-me, Senhor do Bomfim.

LEONARDA (*de dentro*)

Ignacinha?

SANTA RITA

Minha Nossa Senhora da Guia!

IGNACINHA (*gritando dentro*)

Lá vou, mamãi.

SANTA RITA (*querendo fugir*)

Vou-me embora.

FELISBERTA (*detendo-o*)

Não seja banana. (*Leonarda entra amparada por Ignacinha, Felisberta e Santa Rita ajoelham-se*).

IGNACINHA E LEONARDA

Ella!!

LEONARDA

Segura-me, segura-me, que eu vou ter um ataque.

SANTA RITA (*áparte*)

Misericordia!

FELISBERTA

Perdão, minha senhora; eu estou innocente.

LEONARDA

Sahe de minha presença. Miseravel! (*avança para Felisberta*).

SANTA RITA (*recuando áparte*)

Hoje é o ultimo dia da minha vida.

IGNACINHA

Como te atrevestes a entrar nesta casa, depois de tanta infamia?!

LEONARDA (*gritando para dentro*).

Genoveva? (*á Ignacinha*). Menina, manda buscar dous pedestres ali na policia

SANTA RITA. (*levantando-se e procurando fugir: áparte*).

Dous pedestres!

IGNACINHA (*tomando-lhe a passagem*).

Para ali.

FELISBERTA

Reconheço que commetti uma falta, fugindo de casa com Santa Rita.

LEONARDA

Com Santa Rita!

SANTA RITA (*áparte*)

Eil-a comigo.

IGNACINHA

Pois foi com Santa Rita.....

FELISBERTA

Sim, senhora; em um momento de desvario perdi a cabeça e pratiquei essa ingratidão para com vocemecês.

SANTA RITA (*á Felisberta*).

Mas é preciso que você diga que não fui eu quem a seduzio.

LEONARDA

E a scena de hontem, delambida?

FELISBERTA

Sinhô velho está innocente; elle não sabia quem eu era, nem eu tão pouco podia imaginar com

quem conversava. Perdendo-me de Santa Rita no meio do povo, encontrei aquelle homem, que convidou-me para tomar um sorvete, dei-lhe o braço e parecia-me a todo o momento que eu conhecia aquella voz; porém meu coração estava longe de pensar que fôsse sinhô. O resto vocemecê sabe. Eu juro-lhe, por Nossa Senhora do Amparo, que estou innocente.

LEONARDA (*áparte*)

Será possivel?! (*para Felisberta*). Levanta-te.

SANTA RITA

Tudo isto é a pura verdade.

IGNACINHA

E onde estão elles?

FELISBERTA

Não sei, sinhásinha. Eu sahi do theatro, depois do que houve, e fui para a casa corrida de vergonha.

SANTA RITA (*áparte*)

Parece que o temporal vai serenando.

LEONARDA.

Eu te perdôo, em nome do peso de que me alliviaste.

FELISBERTA (*beijando a mão de Leonarda*)

Obrigada, sinhá; mas ainda não lhe disse o outro motivo, que aqui me trouxe. Eu vou me casar

com Santa Rita, e por isso preciso do seu consentimento.

LEONARDA

Muito bem; procedes como uma rapariga de juizo, reparando a falta que commetteste.

SANTA RITA

Mas olhe que não é para já, não, senhora.

LEONARDA

E porque não ?

SANTA RITA

E' que eu esperava um logar no corpo de urbanos, e não desejava dar este passo sem ter uma posição na sociedade.

LEONARDA

Pois bem ; eu me encarregarei de arranjar quanto antes o que desejas.

SANTA RITA (*á parte*)

O que diz ella !

LEONARDA (*para Felisberta*)

Pódes ir lá dentro vêr as outras. (*para Santa Rita*). Vai tambem.

SANTA RITA (*baixo á Felisberta*).

E' impossivel que nesta casa não entrasse mandinga. (*sahe com Felisberta pela esquerda*).

Scena VII

LEONARDA E IGNACINHA

IGNACINHA

A' vista do que acabamos de ouvir qual deve ser a nossa attitude?

LEONARDA

O que pretendes fazer?

IGNACINHA

A mesma pergunta lhe faço eu.

LEONARDA

Minha filha, sejamos prudentes. Teu pai e teu marido puzeram as mangas de fóra de uma maneira insolita, é verdade, mas não tanto quanto pensavamos. As explicações de Felisberta vieram mudar a face das cousas, e, a meu vêr, este era o ponto que atacava mais de frente a nossa dignidade.

IGNACINHA

E' tambem a minha opinião.

LEONARDA

Portanto, entendo que devemos recebel-os, e quanto antes.

IGNACINHA

Mas debaixo de que condições ?

LEONARDA

Debaixo de todas, quaesquer que ellas sejam.

IGNACINHA

Isso nunca.

LEONARDA

Tu não conheces os homens, Ignacinha. Uma vez sujeitos ao nosso jugo, elles caminham até á humilhação; quebrado porém esse laço, alcançam sobre nós a força que lhes dá o sexo, e então é-nos impossivel rehaver de um momento o terreno perdido. Fortunato e Luiz quebraram de um modo tão violento as cadeias, que os prendiam, que hoje só nos resta dous alvitres: ou acabarmos os dias em uma viuvez prematura e inconsolavel, ou, perdoando-lhes as extravagancias que commetteram, chamal-os de novo ao gremio da familia. Queres ficar viuva?

IGNACINHA

Oh! não.

LEONARDA

Então, façamos o sacrificio da nossa dignidade, convidando os dous monstros a voltarem para a casa.

IGNACINHA

E havemos de estar d'ora avante sujeitas aos seus caprichos?

LEONARDA

Que remedio! Representaremos durante algum tempo o papel de victimas resignadas.....

IGNACINHA

E vocemecê se sente com forças para representar esse papel?

LEONARDA

Oh! mas depois..... depois hastearemos em todo o fulgôr o pavilhão do nosso primitivo dominio. (*dirigindo-se á mesa*).

IGNACINHA

O que vai fazer?

LEONARDA

Vou escrever ao barão (*senta-se e escreve*).

Scena VIII

AS MESMAS E O BARÃO

BARÃO (*á parte*)

Vejamos o que se passou. (*alto*) Minhas senhoras.

LEONARDA

Chegou a proposito, Sr. Barão, livrando-me do trabalho de escrever-lhe uma carta.

IGNACINHA

Póde dizer a seus amigos que estamos resolvidas a recebel-os.

BARÃO

Ainda bem. Resta agora saber si elles estarão

pelos autos. Como já lhes disse, minhas senhoras, o fim a que me propuz vindo á esta casa, foi explicar-lhes tão sómente a desagradavel occurrencia de hontem, na qual os seus maridos não tiveram a mais pequena parte.

LEONARDA

Já sabemos de tudo. Nós lhes concedemos o perdão e pedimos a V. Ex. que o transmitta de nossa parte.

BARÃO

Ora muito bem. Vou ver si consigo convencel-os. E' preciso, porém, que VV. EEx. portem-se com a maior brandura e delicadeza possiveis; qualquer cousinha é bastante para irital-os e a menor palavra, o menor gesto poderão servir-lhes de pretexto para um rompimento perpetuo.

LEONARDA

Vá descançado, Sr. Barão.

IGNACINHA

Eu serei d'ora em diante uma martyr.

BARÃO

Até já (*sahe*).

LEONARDA (*sahindo com Ignacinha pela esquerda*)

Sim, seremos martyres; mas quando elles me nos pensarem, havemos de hastear a bandeira do nosso primitivo dominio.

Scena IX

BARÃO E DEPOIS LUIZ E FORTUNATO

BARÃO

Foram-se. (*dirigindo-se á porta do fundo*) Entrem (*Luiz e Fortunato entram timidamente*) Trata-se de representar uma comedia. E' preciso, portanto, que se compenetrem bem de seus papeis.

FORTUNATO

Estou com o coração do tamanho de uma pulga.

BARÃO (*para Fortunato*)

O senhor representa de marido furioso.

FORTUNATO

Mas si não está no meu genero. Vou fazer fiasco com toda a certeza. Eu lhe conto o que me aconteceu uma vez. O senhor deve ter ouvido fallar em uma celebre D. Rita, que vem ainda a ser parente longe...

BARÃO

Tá, tá, tá, meu caro, guarde essa historia para depois. (*para Luiz*) Em que diabo estás ahi a pensar!

LUIZ

Considero, meu amigo, que aqui está a paz e a felicidade a despeito mesmo dessas pequenas tribulações, que nos aguilhoam o espirito sem ferir-

nos o coração. Em geral só avaliamos o bem quando delle nos vemos privados. Lá fóra encontrei amores vendidos, mulheres que levantam seus thronos sobre ruinas, a hypocrisia nesses amigos de occasião que me abraçavam, a febre do delirio por toda a parte. Aqui... está a familia. Quero ver meu filho, barão.

BARÃO

Então o que é isto? Queres pregar moral? O teu papel é de marido atacado em sua dignidade.

LUIZ

Pois não basta a comedia que já representámos?

FORTUNATO

E que comedia!

BARÃO

Insensatos! A peça que representaram depende toda deste final. Vamos lá, mostrem-se artistas de força. (*Para Fortunato*) O senhor arranja um ar carrancudo, sua physionomia, seus gestos devem trahir a coragem que lhe borbulha n'alma. (*Para Luiz*) Tu deves affectar despreso, indifferença e um certo ar de superioridade. Convençam-se, meus senhores, que deste epilogo depende o bom exito da empreza.

FORTUNATO

E si o epilogo for um tapaôlho? (*Ignacinha e Leonarda espiam na porta*).

BARÃO (*baixo*)

Lá estão ellas. Andem, não temos tempo a perder.

Scena X

OS MESMOS, IGNACINHA E LEONARDA (*espiando á porta*)

FORTUNATO (*gritando*)

Não se abusa assim impunemente da paciencia de um homem, a paciencia tem limites. Eu hei de tirar a limpo este desaforo. (*batendo com a bengala no chão*).

BARÃO (*baixo*)

Magnifico! Magnifico!

LUIZ

Mas que diabo viemos fazer aqui? Vamos embora, eu estava lá fóra passando muito bem, e esta vida não me quadra.

BARÃO

O que pretendem então os senhores? Querem continuar n'esta vida de ocio e de pandega, abandonando duas mulheres honestas que os adoram? (*baixo*) Andem, andem, é preciso que as scenas sejam bem atacadas.

FORTUNATO

Esta bengala não me ha de sahir das mãos. (*baixo*) Isto não é muito forte?

BARÃO

O senhor é um miseravel. (*baixo a Fortunato*) Avance para mim.

FORTUNATO (*avançando*)

Sr. barão, não me faça perder-lhe o respeito.

LUIZ

Que maçada! Vamos embora.

BARÃO

Os senhores não sahirão d'aqui. (*baixo*) Fallem no negocio da mulata.

FORTUNATO

Vou fallar no negocio da mulata.

BARÃO (*baixo*)

Não, não é assim.

FORTUNATO (*gritando*)

Não é assim.

BARÃO

Ora bolas!

FORTUNATO

Ora bolas! O negocio da mulata ha de ser esmerilhado.

LEONARDA (*entrando*)

Fortunato! (*Fortunato estremece e recua, affectando depois coragem*).

IGNACINHA

Eu te perdôo, Luiz.

LUIZ

E' irrisorio esse perdão, minha senhora. Só se

perdoam os criminosos, e a senhora vê que eu estou de fronte erguida.

FORTUNATO (*á Leonarda*)

Peço-lhe, senhora, que repare tambem para o meu porte.

LEONARDA

Foste um ingrato para comigo (*quer abraçal-o, Fortunato recua com medo*).

FORTUNATO

Chegue-se para lá.

IGNACINHA (*para Luiz*)

Esqueceste teu filho!

LUIZ

Sim, esse filho, a quem a senhora muitas vezes abandonou (*para Fortunato*). Vamos embora (*Luiz e Fortunato vão sahir*).

IGNACINHA

Oh! não saias, Luiz, eu te peço (*chorando*). Que res me matar?

LEONARDA (*áparte*)

Que humilhação!

BARÃO

Os senhores hão de ficar, e continuarão a viver n'esta casa, como bons maridos, ainda que para isso me veja obrigado a lançar mão dos meios os mais energicos.

FORTUNATO

Pois bem, ficamos; mas sob a condição de que havemos de assumir as redeas do poder. Concordam?

LUIZ

Si não quizerem é o mesmo, voltamos para a bôa vida.

IGNACINHA (*para Leonarda*)

Deixemo-lhes a força e esse poder apparente, minha mãi, nós os dominaremos pelo coração.

FORTUNATO

Concordam, ou não?

LEONARDA

Sim.

BARÃO

Ora pois, abracem-se e sejam felizes (*Leonarda abraça Fortunato, Ignacinha Luiz; para Luiz*). Agora venha lá tambem um abraço (*abraça Luiz*). Já que estou condemnado a findar os meus dias como celibatario, resta-me ao menos o grato consolo de ter contribuido para a tua felicidade, que começa hoje.

Scena XI

FORTUNATO, LEONARDA, IGNACINHA, LUIZ, BARÃO, SANTA RITA E FELISBERTA.

SANTA RITA (*entrando com Felisberta*)

Muito me contas, quem diria?!

BARÃO (*vendo Santa Rita*)

Olá!

LEONARDA (*para o barão*)

Vão casar, já sabe?

BARÃO

Bravo! Eis o que se chama um dia cheio! Conciliação completa! (*batendo no hombro de Santa Rita*) Um conselho agora, meu capadocio.

SANTA RITA

Capadocio, não senhor, Santa Rita Gostoso dos Anjos para o servir.

BARÃO

Queres ouvir o conselho?

SANTA RITA

Sou todo ouvidos.

BARÃO

Trata de fazer entrar no caminho do bom viver esta innocente creatura, com quem vais te ligar. Tiveste o exemplo em casa; aproveita-o.

SANTA RITA

Comigo está se ninando. Vou entrar para o corpo de urbanos, e no dia em que ella me sahir fóra do alinhamento, tenho a policia em casa.

FORTUNATO (*á Leonarda, que abraça-o com força*)

Irra, senhora! Isto não vai a matar.

FIM.

THEATRO DO MESMO AÚTOR

Meia Hora de Cynismo, comedia em 1 acto.
Typos da Actualidade, comedia em 3 actos.
Inglezes na Costa, comedia em 1 acto.
Amor com Amor se Paga, comedia em 1 acto.
O Defeito de Familia, comedia em 1 acto.
Direito por linhas Tortas, comedia em 4 actos.

NO PRÉLO

Maldita Parentella, comedia em 1 acto.
O Typo Brasileiro, comedia em 1 acto.
A Lotação dos Bonds, comedia em 1 acto.
O Beijo de Judas, comedia em 4 actos.
Trunfo ás Avessas, operetta em 2 actos.
Tres Candidatos, comedia em 1 acto.
Entrei para o Club Jacome, comedia em 1 acto.

Typographia Americana—Rua dos Ourives n. 19.